

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO  
[ ORGANIZAÇÃO ]



O aristocrata das letras  
ADELPHO POLI MONJARDIM

# Vida e Obra

COLEÇÃO ROBERTO ALMADA • NÚMERO 37

Um aristocrata nas letras.  
ADELPHO POLI MONJARDIM.

---

# Vida e Obra



**ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS**

Ester Abreu Vieira de Oliveira (Presidente)

Wanda Maria B. C. Alckmin (1º Vice-Presidente)

Romulo Felipe (1º Secretário)

Fábio Daflon (1º Tesoureiro)

**SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**

**PREFEITURA DE VITÓRIA**

Lorenzo Pazolini

(Prefeito Municipal)

Cristhine Samorini

(Vice-Prefeita)

Eduardo Henning Louzada

(Secretário Municipal de Cultura)

Elizete Terezinha Caser Rocha

(Coordenadora da Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim)

Um aristocrata nas letras.  
ADELPHO POLI MONJARDIM.

---

# Vida e Obra

FRANCISCO AURELIO RIBEIRO  
[ Organizador ]

*SEMC*

Vitória (ES)  
Prefeitura Municipal de Vitória  
Secretaria de Cultura

2025

Copyright © Prefeitura Municipal de Vitória, 2025

CONSELHO EDITORIAL

Adilson Vilaça \* Álvaro José Silva \* Ester Abreu Vieira de Oliveira  
Elizete Terezinha Caser Rocha \* Fernando Achiamé  
Francisco Aurélio Ribeiro \* Getúlio Marcos Pereira Neves

ORGANIZADOR: Francisco Aurelio Ribeiro  
REVISÃO: Fernando Antonio de Moraes Achiamé  
CAPA E EDITORAÇÃO: Rony Mothé  
IMPRESSÃO: Gráfica GSA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim (Vitória/ES)

---

A716 Um aristocrata nas letras : Adelpho Poli Monjardim : vida e obra / organização Francisco Aurelio Ribeiro. – Vitória, ES : Secretaria Municipal de Cultura, 2025.  
65p. ; 21 cm.— ( Coleção Roberto Almada, 37).

ISBN : 978-65-01-53819-8

Publicação em parceria com a Prefeitura Municipal de Vitória e a Academia Espírito-santense de Letras.

1.Literatura brasileira – Crítica e interpretação. 2. I. Monjardim, Adelpho Poli , 1903-2003. II. Ribeiro, Francisco Aurelio. III. Série.

CDD B869.0952

---

Distribuição gratuita. Venda Proibida.  
Biblioteca Municipal de Vitória “Adelpho Poli Monjardim”  
bmunicipalvitoria@gmail.com  
55 27 3381.6926





## PREFÁCIO

Toda cidade guarda, em sua arquitetura e alma, nomes que a moldaram com ideias, gestos e palavras. Vitória, entre suas ladeiras e horizontes de luz, reverencia um desses nomes com justiça e memória: Adelpho Poli Monjardim. Prefeito da capital capixaba de 1955 a 1957 e de 1959 a 1963, um tempo de profundas mudanças no Brasil e no mundo, Adelpho foi mais do que um administrador público; foi um homem de letras, de reflexão e de compromisso com sua terra.

Sua atuação como gestor, e primeiro prefeito eleito de Vitória, deu-se num momento emblemático, após a Segunda Guerra Mundial, quando a cidade e o país exigiam reorganização e novas direções. Nesse contexto, Adelpho promoveu reformas administrativas, buscou modernizar os serviços públicos e conduziu Vitória com seriedade, ajudando a pavimentar caminhos para uma cidade mais estruturada e consciente de sua identidade.

Mas é no campo da cultura que seu nome ganha eco duradouro. Como escritor, pesquisador e defensor das letras, contribuiu para o fortalecimento da memória capixaba. E é por isso que a Biblioteca Pública Municipal de Vitória leva o seu nome, não apenas como homenagem, mas como continuidade de sua crença no conhecimento como pilar da cidadania.

Estas publicações, destinadas sobretudo aos alunos da rede pública municipal, fazem parte de um projeto maior: semear em novas gerações o valor da história, da literatura e do pertencimento. A Prefeitura Municipal de Vitória, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, celebra com grande satisfação a parceria com a Academia Espírito-santense de Letras, renovada a cada ano desde 1990, que permite a publicação e a ampla circulação de obras que dialogam com a alma de nossa cidade.

Neste ciclo, integram o projeto a obra “Um Aristocrata nas Letras: Vida e Obra de Adelpho Poli Monjardim” da

Coleção Roberto Almada; os livros “Vento Sul”, de Carmélia Maria de Souza, “A Vida em Sonho...”, de Saul de Navarro, e a reedição histórica de “História da Província do Espírito Santo”, de Misael Ferreira Pena, os três da Coleção José Costa. Também ganham nova vida a Coleção Escritos de Vitória, agora em sua 39ª edição, reunindo muitos “Causos da Ilha” que fortalecem a tradição oral e as narrativas afetivas de nosso povo, e os periódicos “Revista da Academia Espírito-santense de Letras”, no 30º número, e a segunda publicação da “Folha Literária”.

Que essas leituras inspirem os jovens leitores a compreender que a cidade em que vivem é feita de pessoas, decisões e memórias, e que nomes como o de Adelpho Poli Monjardim continuam vivos, não apenas nas páginas da história, mas nas ideias que nos movem e nos sonhos que ainda nos guiam.

**Lorenzo Pazolini**  
Prefeito de Vitória

## APRESENTAÇÃO

A Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), por meio da Secretaria Municipal de Cultura (SEMC), sente-se profundamente satisfeita em seguir, em parceria com a Academia Espírito-santense de Letras (AEL), semeando a valorização da memória, da literatura e da identidade cultural da cidade. Essa parceria, traduzida por meio de um convênio anual, possibilita a publicação e a ampla distribuição de obras literárias memorialísticas à população capixaba.

Essa ação, iniciada em 1990 com a emblemática coleção *Palavras da Cidade*, ganhou fôlego e projeção com a criação, em 1993, da *Coleção Escritos de Vitória*. Ao longo dos anos, essa coleção tem acolhido textos de autores jovens e também de escritores já consagrados, cujas obras resgatam vivências, histórias e percepções sobre a cidade de Vitória. Agora, em sua 39ª edição, celebramos mais de sessenta textos sob o tema *Causos da Ilha*, fortalecendo a tradição oral e as narrativas afetivas que permeiam o imaginário ilhéu.

Juntamente com essa edição da *Coleção Escritos de Vitória*, são publicadas a *Revista da Academia Espírito-santense de Letras*, com ensaios, resenhas e discursos acadêmicos, e a *Folha Literária*, com notícias culturais e textos diversos, além de quatro livros das consagradas coleções *Roberto Almada* e *José Costa*.

Entre os títulos presentes, destacam-se *Vento Sul*, com crônicas da insigne escritora capixaba Carmélia Maria de Souza; uma biografia do ex-prefeito e escritor Adelpho Poli Monjardim – que dá nome à Biblioteca Pública Municipal de Vitória; *A Vida em Sonho...*, obra de Saul de Navarro; e a reedição da clássica *História da Província do Espírito Santo*, escrita por Misael Ferreira Pena em 1878.

Ao apoiar essas publicações, a PMV/SEMC reafirma sua convicção na importância da literatura como instrumento de reflexão, memória e transformação. São obras que, além de enriquecerem o acervo das bibliotecas e chegarem às mãos de

leitores de todas as idades, preservam a memória coletiva, incentivam a leitura e promovem o diálogo entre o passado, o presente e o futuro da cidade.

Em cada um desses tempos, destaque para aquela que se mantém protagonista. A professora doutora Ester Abreu Vieira de Oliveira, de admirável trajetória marcada pela erudição e sensibilidade, ícone de compromisso com a educação, a cultura e a literatura, segue cultivando entusiasmo e nutrindo feitura como a que se materializa neste projeto. Ela, “jardineira das letras”, planta, cultiva, poda, rega, aduba, mantém e, merecidamente, colhe; e, generosamente, nos permite colher juntos. Este é só mais um fruto desta Senhora-Árvore.

É no mínimo curioso que essa ação aconteça no outono, metaforicamente, onde mais se fala do tempo, da vida, do que foi e do que se transforma. Isso tem cheiro de Albert Camus: “O outono é outra primavera, cada folha uma flor”. Uma imagem rica para quem no livro, faz morada; da literatura, um portal. Seguimos, com orgulho, cultivando esse legado. Que os bons ventos sigam soprando as folhas dessa história de sementes, flores e frutos.

**Edu Henning**

Secretário de Cultura de Vitória

*Outono de 2025*

## AGRADECIMENTOS

Em seu quadro de patronos e membros, a Academia Espírito-santense de Letras (AEL) possui nomes que enriquecem a história da literatura, da cultura e da política no Estado do Espírito Santo. Ela incentiva a criação de associações culturais e de bibliotecas, além de editar e divulgar periódicos, obras literárias e historiográficas referentes a nossa terra. Ademais, a AEL mantém importante acervo arquivístico e a preciosa Biblioteca Saul de Navarro, nome dado em homenagem a esse escritor capixaba devido à generosa doação de inúmeras e raras publicações feita pela família após seu falecimento.

A atual diretoria, já em segundo mandato, iniciado em 19 de dezembro de 2022, tem procurado cumprir com as finalidades da AEL, propostas em seu Estatuto. Para isso, participa de eventos, inclusive os organizados por outras academias, tem recebido alunos em sua sede para charlas literárias, promovido concursos sobre escritos de ficção, e contribuído para o crescimento dos acervos de bibliotecas. Além de empenhar esforços para publicar as revistas e os livros que o Conselho Editorial seleciona, dentro das coleções por ela mantidas.

A Academia Espírito-santense de Letras agradece penhoradamente ao Prefeito Municipal de Vitória, Lorenzo Pazolini, e ao Secretário Municipal de Cultura, Edu Henning, pelo apoio financeiro que obteve para publicar dois periódicos e cinco obras avulsas. Agradecemos também aos componentes do Conselho Editorial pela colaboração, e aos acadêmicos Fernando Achiamé, Francisco Aurélio Ribeiro, Jonas Reis, Renata Bonfim e Romulo Felipe por terem trabalhado de modo voluntário na organização das publicações deste ano. Nossos agradecimentos se estendem à bibliotecária Elizete Caser Rocha, que sempre elabora as fichas catalográficas de nossas edições.

As obras da AEL procuram despertar desde cedo nas

crianças e jovens o gosto pela leitura e pelos livros. E isso está dentro dos objetivos da Academia. São 103 anos de fundação da instituição, criada em 4 de setembro de 1921 e reorganizada em 18 de julho de 1937. E, assim, é também necessário agradecer àqueles que deram início a esta agremiação e àqueles que estiveram na sua presidência e procuraram conservar e ampliar o leque de importância da AEL: D. Benedito Paulo Alves de Souza, Archimimo Martins de Mattos, Augusto Emílio Estellita Lins, João Dias Collares Júnior, Eurípedes Queiroz do Valle, Ceciliano Abel de Almeida, José Antônio Ruy Côrtes, Nelson Abel de Almeida, José Moisés, Christiano Dias Lopes Filho, Rômulo Salles de Sá, Maria Helena Teixeira de Siqueira, Gabriel Augusto de Mello Bittencourt e Francisco Aurélio Ribeiro.

Muito obrigado a todos!

Vitória, dezembro de 2024.

*Esther Abreu Vieira de Oliveira*

**DRA. ESTER ABREU VIEIRA DE OLIVEIRA**

Professora Emérita da Ufes

Presidente da AEL

[www.ael.org.br](http://www.ael.org.br)



## NOTÍCIA BIOGRÁFICA

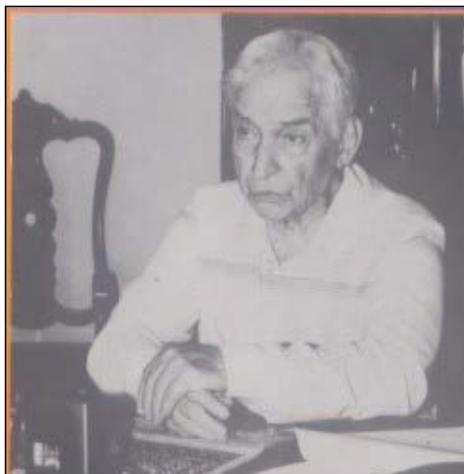
Adelpho Poli Monjardim nasceu em Vitória, ES, em 16 de setembro de 1903. Filho do Barão de Monjardim, que ocupou a presidência do Espírito Santo, no Império e na República, e de Beatrice Poli Monjardim. Romancista, historiador e geógrafo dos mais credenciados do estado. Incursiionando na política, foi deputado estadual e, por duas vezes, prefeito municipal de Vitória. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e de outras entidades culturais do país, foi detentor das seguintes condecorações: Medalha do Pacificador, conferida pelo Exército; Medalha do Mérito Tamandaré, da Marinha de Guerra do Brasil; Medalha da Solidariedade Italiana, concedida pelo governo da Itália; Medalha de Bronze, comemorativa do centenário de falecimento de Duque de Caxias, oferecida pelo 38º B. I; Medalha Regente Feijó, no grau de Grande Oficial; Medalha Antônio Vidal Negreiros, do governo da Paraíba, no grau de Grande Oficial; Medalha da Legião do Mérito Presidente Antônio Carlos, do Estado de Minas Gerais, no grau de Grande Oficial; Crachá Amigo da cidade de São Paulo; Medalha dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Grande Guerra; Medalha de Prata, outorgada pela Câmara Municipal de Vitória, pela colaboração nos festejos do 4º Centenário de Vitória; Medalha de Prata (Honra ao Mérito), concedida pela Prefeitura Municipal de Vitória; placa de prata com distintivo de ouro, do Rotary Clube de Vitória; Medalha de Ouro, concedida pela revista Brasília, como Intelectual do Ano - Destaque 1981; Medalha de Ouro, oferecida pelo povo de Vitória, quando seu primeiro prefeito municipal por eleição (1959-1963).

Publicou: *O tesouro da ilha da Trindade* (Rio, Editora A Noite, 1942); *Novelas sombrias* (Prêmio Muniz Freire do Concurso Literário e Científico do Espírito Santo, Rio, Editora A Noite, 1944); *Vitória Física* (Prêmio Cidade Vitória, instituído pela Câmara Municipal de Vitória, 1950); *A tor-*

*re do silêncio* (contos, s/d); *Bolívar e Caxias, paralelo entre duas vidas* (Prêmio General Tasso Fragoso da Biblioteca do Exército); *O Exército visto por um civil* (Prêmio do Exército Brasileiro); *O grande almirante* (biografia de Tamandaré, editado pela Marinha de Guerra, 1976); *Um mergulho na pré-história* (Fortaleza, CE, Editora Henriqueta Galeno, 1976); *Sob o véu de Ísis* (contos, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1978); *Os imigrantes* (romance, Fortaleza, Editora Henriqueta Galeno, 1980); *O Espírito Santo na história, na lenda e no folclore* (Rio, Editora Vozes, 1984); *O Saldanha do meu tempo* (páginas de memórias, Vitória, Editora Revista Canaã, 1983); *O preço da glória* (biografias, edição do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1985); *O Ícaro brasileiro* (biografia de Santos Dumont, edição da Biblioteca do Exército, 1985). Faleceu em julho de 2003.

### Depoimento de Adelfo Poli Monjardim

Em 13/03/2012 por Morro do Moreno



*Adelfo Poli Monjardim - Acervo de Eugênio Herkenhoff*

A 5 de março de 1986, chegou-me às mãos a Circular nº 1/86, do Instituto Histórico e Geográfico do Espíri-

to Santo. O conteúdo, interessante proposta do consócio Hermógenes Lima Fonseca, renomado folclorista. Em comemoração dos setenta anos do Instituto, sugere a criação do projeto: “Testemunho de Nosso Tempo”, uma visão do Brasil, do Espírito Santo e do mundo, neste primeiro semestre de 1986. Este testemunho, como o dos demais membros, será solenemente arquivado, em invólucro lacrado, encerrado em uma urna, e só será conhecido a 12 de junho de 2001, quando o Instituto completará oitenta e cinco anos.

Quando este depoimento voltar à luz do dia, estarei do outro lado da vida e por certos outros membros deste sodalício que o lerão. Serei, então, um desconhecido. A minha memória se extinguirá comigo. Cumpre-me identificar-me, como recomenda o “testemunho”: Filho de Alpheu Adelpho de Andrade e Almeida Monjardim (Barão de Monjardim) e de D. Beatrice Poli Monjardim, nasci a 16 de setembro de 1903, nesta heroica Cidade da Vitória, no tradicional Bairro da Capixaba, em bela e pitoresca Chácara. Ali vivi até os seis meses de idade, quando acometido de tifo, fui levado para a Fazenda de Jucutuquara, no Solar Monjardim, hoje museu do Estado. Aos seis anos de idade fui para o Rio de Janeiro, pois fora o meu pai eleito Deputado Federal. Em Jucutuquara passei os melhores anos de minha infância.

Alfabetizei-me no Rio de Janeiro, onde completei o curso primário, no Ginásio Cruzeiro. Em 1915 voltei para Vitória. Esta, apesar da obra revolucionária de Jerônimo Monteiro, não passava de um burgo com menos de vinte mil habitantes. No Ginásio Espírito-Santense completei o curso secundário. Quis seguir a carreira bancária e ingressei no Bank of London & River-Plate Ltda., onde trabalhei cinco anos. Aventurei-me no comércio com dois sócios. Carlos Cunha & Cia, e razão social. Foi um desastre. Dispensei os sócios e arqueei com o passivo da firma para não ir à falência, quando sacrifiquei o meu patrimônio e tive

de sacrificar o curso de Direito, para o qual tinha feito o vestibular, no Rio de Janeiro.

Fui Corretor Oficial de Café, finalmente, Tesoureiro da Prefeitura Municipal de Vitória, onde ingressei em 1937. Na Municipalidade ocupei todas as Diretorias, exceto a de Engenharia e Procuradoria. Não fui apenas burocrata. Representei-a em quase todos os Congressos de Municípios do Brasil, quando tive a oportunidade de apresentar uma tese sobre o Êxodo Rural, aprovada pelo Presidente da República, General Eurico Dutra. No Quarto Congresso de Municípios, no Rio de Janeiro, fui o Orador Oficial, e em nome de todos os Municípios do Brasil, falei perante o Congresso Nacional, Senado e Câmara dos Deputados, reunidos.

Por duas vezes fui Prefeito de Vitória. A primeira de nomeação, no Governo de Francisco Lacerda de Aguiar, cargo que exerci de 1955 a 1957, quando me exonerei por enojar-me da baixa política de intrigas e mesquinhas, infenso que sempre fui à bajulação e ao servilismo. O meu prestígio popular, por várias vezes demonstrado, tornou-se o temor dos profissionais da política. Tornando-se o cargo de Prefeito por eleição, candidatei-me, disputei com cinco candidatos. Venci as eleições de ponta a ponta, sem perder em uma só urna. Tive quase os votos dos outros reunidos.

Digo, sem jactância: Vitória tornou-se Cidade comigo. Não obstante a Prefeitura paupérrima que administrei, modifiquei o panorama da cidade. O arranha-céu, a iluminação moderna, o calçamento asfáltico e de cimento armado, realizações minhas. Quase todas as avenidas foram abertas na minha administração. Calcei mais de uma centena de ruas e abri outras. Numerosas e importantes escadarias foram construídas no meu tempo; assim como galerias pluviais. Quando ainda prefeito nomeado, em 1956, assinei um Decreto de grande importância, a equiparação de vencimentos dos aposentados aos dos funcionários da

ativa. Vitória foi a pioneira no Brasil. Saí da Prefeitura de mãos limpas e bolsos vazios, porém, estimado e respeitado pelo funcionalismo e pelo povo. Fui deputado Estadual, quando encerrei a carreira política, incompatível com o meu feito e personalidade.

Nasci para as letras, vocação demonstrada desde a infância. No Ginásio Espírito-Santense, o Professor de Português, Dr. Jonas Meira Bezerra Montenegro, renomado literato e um dos Patronos da Academia Espírito-Santense de Letras costumava passar descrições, que feitas em casa, seriam lidas em classe. Tomei muitos zeros, porque o Professor julgava não serem feitas por mim, o que não deixava de ser um elogio.

Até o momento em que deponho, 21 de abril de 1986, tenho dezesseis livros publicados e sete Prêmios Literários, sendo o quarto de âmbito nacional. Entretanto, fui muito boicotado. As minhas atividades literárias causavam moossa a determinados escribas que postulavam o domínio das nossas letras. Para mim tanto fazia ser o primeiro ou o último no “rank”. Escrever era o meu “hobby”. A modéstia, a minha companheira de sempre. A vaidade é negação da inteligência, isola os indivíduos.

O Brasil e o Espírito Santo vão bem neste primeiro semestre de 1986. O Presidente da república, José Sarney, declarou guerra à inflação que sufocava o país. O quadro mundial não é melhor. Apenas poucas nações ricas passam bem às custas do Terceiro Mundo, do qual participa o Brasil. Juros escorchantes alimentam a nossa dívida, que assim jamais poderá ser resgatada, como sucede aos trabalhadores dos seringais do Norte.

O Brasil deu o grito de liberdade, o segundo 7 de Setembro. Para tanto necessitou combater a corrupção e as mordomias que o debilitavam. Luta árdua, quadro deplorável e estarrecedor. Os ladrões de “colarinho branco”, como apelidou o povo, conjugava o verbo “rapio” em todos os tempos.

Felizmente o gigante tirou o pé do lodo e caminha para ridente futuro. Ainda neste 2000, será maior nação do mundo.

O nosso Espírito Santo também, vai bem. Tudo tem colaborado para o seu desenvolvimento, mesmo a Natureza! As secas e enchentes que assolaram Minas, São Paulo e Paraná, tornaram o Espírito Santo, este ano, o maior produtor e exportador de café. Gerson Camata, o nosso Governador, é jovem e bem intencionado, mas pouco enérgico para se impor aos Partidos e ao próprio “staff”. Deixou-se levar pelas facções situacionistas, que acima de todos os interesses colocam os seus.

Quando prefeito, senti de perto o problema. Não obstante o Estado atravessa fase promissora. Fatores outros têm contribuído para que assim seja. Se acreditarmos em estrela, a do Governador é grande. Ele é excelente pessoa, honesto e esforçado, entretanto carente de pulso para impor a vontade aos Partidos, tornando-se reticente em momentos que a sua autoridade deveria prevalecer.

O Cometa Halley pregou-nos uma peça. Não surgiu com o esplendor que o contemplei em 1910. Praticamente não apareceu. Apenas apresentou o núcleo, nebuloso, esvaecente e à grande distância. A sua presença é sempre temida pelos supersticiosos, como portador de funestos sucessos. Considerado, desde a Antiguidade, como matador de reis. Por acaso, o seu aparecimento, em 1910, coincidiu com a morte de Eduardo VII, da Inglaterra. Naquela época, os suicídios se multiplicaram na Europa, tal o pavor que causava. Aqui em Vitória, sucedeu interessante caso. Pacato cidadão, temendo que o Cometa destruísse a Terra, mudou-se para a Serra.

Que o Brasil e o Espírito Santo continuem crescendo, que aqui de cima estou olhando.

Pertenço à Academia Espírito-santense de Letras e a várias outras do Brasil e do estrangeiro. Possuo diversas condecorações, ente as quais a do Pacificador (Exército),

do Mérito Tamandaré (Marinha) e da Estrela da Solidariedade (Governo da Itália).

Adeus e até cá...

Livro: Testemunho de nosso tempo – 28 depoimentos sobre o mundo, o Brasil e o Espírito Santo no primeiro semestre de 1986. Coleção Cadernos de História, nº 38. Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Vitória (ES), 2001  
Compilação: Walter de Aguiar Filho, março/2012

## CRONOLOGIA

1903- 16/09. Nasce Adelpho Poli Monjardim, filho de Alpheu Adelpho de Almeida e Andrade Monjardim, o Barão d Monjardim, e Beatrice Poli Monjardim, descendente de italianos, em Vitória, capital do Espírito Santo. Seu pai teve a honra de ser titular do Império, político militante e grande proprietário de terras, herdadas dos antepassados. Foi inspetor da Alfândega do Espírito Santo, cargo em que se aposentou. Durante mais de meio século liderou a política capixaba. No Império, foi muitas vezes Presidente da Província. No período republicano, foi o primeiro Presidente Constitucional do Estado, em 1891. Seu último mandato político deu-se como Deputado Federal (1910-1913).

1903-1909- Passa a infância no casarão da fazenda dos pais, hoje, Museu, em Jucutuquara, fascinado pela “Pedra dos Olhos”, Seu apelido de criança era “Bium”.

1909- O pai é eleito Deputado Federal e muda-se, com a família, para o Rio de Janeiro, capital da República.

1910- Assistiu à passagem do cometa Halley, do casarão de sua residência, em Jucutuquara, um dos fatos mais marcantes de sua infância.

1910- É alfabetizado no Rio de Janeiro e, depois, matriculado no Ginásio Cruzeiro, também no Rio, do conhecido Cônego Osório.

1914- A família regressa a Vitória, onde Adelpho conclui o secundário, no Ginásio Espírito-Santense, depois, Colégio Estadual. Passam a residir na Chácara da Avenida Capixaba, hoje, Galeria de Artes. A Avenida Capixaba, na época, não era calçada, havia poucos palacetes das famílias ricas e muitas casas pobres.

1915- Vitória era uma cidade provinciana, sem grandes atrativos, a não ser o Parque Moscoso e a baía de Vitória era pouco movimentada, sem cais de atracação. Os navios que a movimentavam eram os “Itas” da Companhia Lage, do Loide Brasileiro e da Comércio Navegação. O centro geográfico e social da cidade era a Praça Oito de Setembro.

1916-1918- No Ginásio Espírito-santense, foi aluno do Professor Dr. Jonas Meira Bezerra Montenegro, homem culto e rigoroso, que muito o aprimorou nas aulas de Redação. Também admirava a figura do Dr. Afonso Claudio, cujas palestras assistia, embevecido, por sua vasta cultura. Comparava-o à figura do barão do Rio Branco.

1915-1920- Além do aprimoramento intelectual, com os homens ilustres de sua época, como Carlos Nicoletti Madeira e Antônio Feu Rosa, seus amigos próximos, Adelpho foi, sempre, cultivador da cultura física, tendo sido grande praticante de esportes como halterofilismo, boxe, remo, canoagem, polo-aquático, futebol, luta livre, basquete e vôlei..

1917- Filia-se ao Clube de Regatas Saldanha da Gama, aos quatorze anos, sendo campeão capixaba de polo-aquático, pelo Saldanha.

1921-1927- Iniciou sua carreira profissional como bancário, no Bank of London & South America Ltda. Péssimo em Matemática, desistiu dessa profissão e abriu uma empresa comercial em sociedade com dois amigos, que também não prosperou, falindo. Iniciou o curso de Direito, no Rio de Janeiro, mas abandonou, por motivos profissionais.

1928-1930- Exerceu o cargo público estadual de Corretor de Café. Demite-se para se dedicar ao jornalismo e às letras.

1933- 01/12- É um dos fundadores da Associação Espírito-santense de Imprensa – AEI.do qual é Vice-Presidente por muitos anos, juntamente com Carlos Nicoletti Madeira e Daniel Michael Tikmiroff.

1933-4- Funda as revistas “Chanaan” e “Saldanhista”, o Anuário do Espírito Santo e Norte do Brasil e colabora em jornais e revistas nacionais e do exterior.

1936- Recebe o Prêmio Muniz Freire, do Concurso Científico e Literário do Estado do Espírito Santo, pela obra “Novelas Sombrias”, só publicado em 1944.

1937- É nomeado Tesoureiro da Prefeitura Municipal de Vitória, tendo exercido os cargos de Diretor da Receita, da Fazenda e da Administração. Foi representante da PMV em vários congressos municipais. Aposentou-se nesse cargo, aos trinta anos de serviço público.

1939- Foi nomeado representante do Chefe de Polícia do Governo Federal, no Espírito Santo, durante a ditadura do “Estado Novo” getulista.

1942- Publica a novela/romance “O Tesouro da Ilha Trindade”, pela Ed. A Noite, RJ, sucesso de público e de crítica. Sua mais recente edição foi em 2022, na col. José Costa, AEL/PMV.

1944- Publica “Novelas sombrias” (Prêmio Muniz Freire do Concurso Literário e Científico do Espírito Santo), Rio, Editora A Noite. Uma novela e cinco contos fantásticos.

1944- Publica “A Torre do Silêncio”, contos e “A Baía de Vitória”, ensaio.

1948- Ganha o Prêmio Cidade de Vitória da PMV com a obra “Vitória Física”, juntamente com Maria Stela de Novaes..

1950- Publicação do livro “Vitória Física” pela PMV, ed. da Revista Canaã. Sai uma 2ª ed. em 1995, também

pela PMV.

1955-57- Prefeito de Vitória nomeado pelo Governador Francisco Lacerda de Aguiar.

1959-1963- Primeiro Prefeito de Vitória eleito por voto popular. Após o mandato de Prefeito, foi eleito Deputado Estadual.

1968- Publicação de “O Exército visto por um civil”, pela Biblioteca do Exército, um diálogo entre um jovem acadêmico de Direito e Dr. Teófilo, que o convence da importância do exército, naqueles anos de consolidação da ditadura militar no Brasil.

1972- 09/12. Candidata-se à vaga da cadeira 22 da AEL, antes pertencente a Carlos Nicoletti Madeira. Vence a eleição.

1973- 28/06. Toma posse na cadeira 22 da AEL, sendo saudado pelo Presidente José Antônio Ruy Côrtes. Seu discurso e o de Ruy Côrtes estão publicados em “Orações Acadêmicas”, da AEL.

1974- Inicia, na AEL, uma Campanha de Edição do Livro Capixaba, junto com outros colegas.

1976- 22/07- Lança, na sede da AEI, o romance “Um Mergulho na Pré-História”, publicado pela Ed. Juvenal Galeno, de Fortaleza- CE.

1976- Publica “O Grande Almirante”, biografia de Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, pela Ed. da Marinha do Brasil.

1978- Recebe a Comenda da “Legião do Mérito Presidente Antônio Carlos” e a “Medalha Cívica e Cultural Diogo Antônio Feijó”, do Instituto Internacional de Heráldica e Genealogia do Rio de Janeiro.

1978- 03/09- Profere palestra sobre o “Grito da Independência”, na Academia de Letras Humberto de Campos, de Vila Velha -ES.

1978- 28/11- Lançamento do livro de contos “Sob o Véu de Ísis”, publicado pela Ed. Galeno, CE, na AEI.

1980- Prefacia o livro “A Casa Paterna”, de Léa Car-

- valho Ferreira, publicado pela Ed. Juvenal Galeno, CE.
- 1980- Publica “O Militarismo na América Latina, republicado em 2008 pela Lei Rubem Braga.
- 1980- Publica o romance histórico “Os Imigrantes”, Ed. Henriqueta Galeno, CE..
- 1980- Profere palestra sobre os selos comemorativos ao Natal 80, na sede dos Correios, em Vitória.
- 1982- Recebe o título de “Escritor do Ano”, no ES, pela Revista Brasília, DF.
- 1982- 06/10- Recepciona Coelho Sampaio, em sua entrada na AEL.
- 1982- 06/11. É laureado pela Academia de Salerno, Itália, por sua atividade literária e difusão da cultura latina no mundo.
- 1983- 10/07. Concede entrevista de página inteira ao jornal A Gazeta- ES.
- 1983- Lança o livro “O Espírito Santo na História, na Lenda e no Folclore”, pelo qual é congratulado pela Câmara de Vereadores de Vitória – ES. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ. Essa obra foi republicada pela Lei Rubem Braga, em 2008.
- 1983- 25/08- Profere palestra sobre “Bolívar e Caxias – Paralelo entre duas vidas”, no IHGES. Publicação da palestra em livro.
- 1983- 19/12. Publica artigo sobre a morte de Plácido Passos, em A Gazeta- ES.
- 1984- Lança “O Saldanha do meu tempo”, Ed. revista Canaã, Crônicas. Prefácio de Elmo Elton.
- 1985- Publica “O Preço da Glória”, biografias, Ed. do IHGES/DIO.
- 1985- 27/05- Profere palestra sobre os 450 anos da colonização do ES, no IHGES.
- 1985- Publica “O Ícaro brasileiro” - biografia de Santos Dumont, Ed. da Biblioteca do Exército.
- 1988- 26/01. Representa o IHGES e a AEL, no enterro do acadêmico Elmo Elton.
- 1988- Publica “Brasil no ano 2100”, ensaio de futuro-

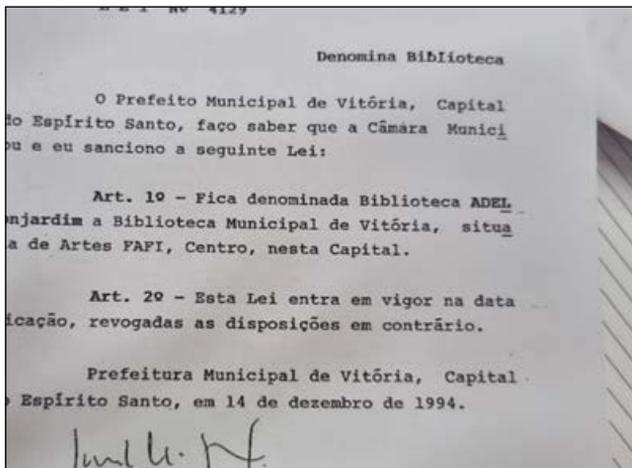
logia não realizada..

1990- Publica “Contos Fantásticos”, “A Entrevista de Simon Bolívar e San Martin” e “O Pico do Frei Leopardi”.

1991- “Publica “A Entrevista de Guayaquil”. Ensaio sobre as guerras de independência latino-americanas.

1992- Casa-se com Iolanda Paoliello Monjardim, sua namorada por 50 anos. Não tiveram filhos. Ela nasceu em 1905 e faleceu logo após o marido, aos 97 anos. O enlace na catedral de Vitória foi notícia muito comentada na cidade, pelo fato de o noivo contar 88 anos de idade e a noiva 86 anos. Moravam numa casa na rua Barão de Monjardim, na Capixaba.

1994- 14/09. O Prefeito Paulo Hartung sanciona a Lei 4129/94 que dá o nome de Adelfo Poli Monjardim à Biblioteca Pública Municipal.



2003- 06/06. Faleceu, na Clínica da Enseada, em Vitória- ES, aos 99 anos, de insuficiência respiratória e parada cardíaca. Seu corpo foi velado na Câmara Municipal e enterrado no Cemitério de Santo Antônio, em carro aberto do Corpo de Bombeiros.

2008- 2ª ed. de *O Tesouro da Ilha de Trindade*. Org. de

Eliane D. S. B. de Souza. Lei Rubem Braga. Vitória. 2ª ed. de “O Militarismo na América Latina” e “O Espírito Santo na História, na Lenda e no Folclore”.

2022- 3ª ed. de *O Tesouro da Ilha de Trindade*. Org. Fernando Achiamé. AEL/PMV. Col. José Costa. V.32.

2025- 14/4. Palestra no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo sobre Adelpho Poli Monjardim feita pelo acadêmico Francisco Aurelio Ribeiro.

2025- Publicação de “O Aristocrata das Letras. Américo Poli Monjardim: vida e obra”. Col. Roberto Almada. V.37. AEL/PMV.

## ESTUDO CRÍTICO

### Realismo Fantástico, História e Imaginação na obra de Adelpho Poli Monjardim.

Adelpho Poli Monjardim (1903-2003) é um caso *sui generis* na literatura brasileira produzida no Espírito Santo, pois transitava entre a literatura *tout court* e a documental. de uma maneira pacífica, sendo reconhecido por seus pares tanto pela qualidade de suas obras produzidas pela imaginação quanto por aquelas geradas por pesquisas históricas, como as biografias de figuras ilustres como Caxias, Tamandaré, Santos Dumont, Bolívar e San Martin ou sobre os conhecimentos acumulados sobre o Espírito Santo e Vitória, seu berço natal.

Romancista, jornalista, político, servidor público, político, historiador, geógrafo e esportista, na juventude, era figura conceituada na sociedade vitorriense, membro atuante do IHGES e da AEL, em que ingressou em 1973. Empresário malsucedido, administrador eficiente na Prefeitura de Vitória, Adelpho Monjardim vinha da família mais aristocrata de Vitória, os Monjardim, era filho do Barão de Mon-

jardim, uma família que se destacou na política e nas armas. Adelpho, no entanto, foi uma exceção, pois se destacou nas letras. É o que afirma, em seu depoimento de 1986: “Nasci para as letras, vocação demonstrada desde a infância. No Ginásio Espírito-Santense, o Professor de Português, Dr. Jonas Meira Bezerra Montenegro, renomado literato e um dos Patronos da Academia Espírito-santense de Letras costumava passar descrições, que feitas em casa, seriam lidas em classe. Tomei muitos zeros, porque o Professor julgava não serem feitas por mim, o que não deixava de ser um elogio. Até o momento em que deponho, 21 de abril de 1986, tenho dezesseis livros publicados e sete Prêmios Literários, sendo o quarto de âmbito nacional. Entretanto, fui muito boicotado. As minhas atividades literárias causavam moça a determinados escribas que postulavam o domínio das nossas letras. Para mim tanto fazia ser o primeiro ou o último no “rank”. Escrever era o meu “hobby”. A modéstia, a minha companheira de sempre. A vaidade é negação da inteligência, isola os indivíduos”.

Talvez por sua origem aristocrática ou, ainda, por sua pouca escolarização, visto que só tinha a educação primária, feita no Rio de Janeiro, e a secundária, no Colégio Estadual, situação semelhante à da historiadora Maria Stella de Novaes, a elite intelectual com formação universitária, criada na ou pela Ufes, ignorou sua obra. Somente encontrei sobre ele e sua obra uma pequena referência feita pelo Prof. José Augusto Carvalho, em “Panorama das Letras Capixabas”, publicado na Revista de Cultura- Ufes, em 1982. Além disso, nem uma linha sequer escrita de crítica literária sobre a sua obra, cerca de duas dezenas, publicadas de 1942, quando lançou a novela “O Mistério da Ilha de Trindade”, ao “Entrevista de Guayaquil”, precioso e bem documentado relato histórico sobre a conquista dos povos sul-americanos pelos espanhóis, desde Vasco N. Balboa, sob “a indiferença fatalista dos fortes e a mesma paixão pela pilhagem mesclada por um forte zelo pela propagação da Fé” (p.8). Em sua

última obra publicada, Monjardim contrasta a violência e a crueldade da conquista espanhola à contemporização dos lusitanos, com menos pressa na conquista. Em sua obra, o autor relata a destruição violenta das culturas originárias, sobretudo as astecas, maias e incas, num processo sanguinário de 300 anos e a luta pela independência das colônias espanholas, no início do século XIX, com a atuação de Miranda, Bolívar e San Martín, os principais líderes da América. O título da obra se refere ao acordo firmado em Guayaquil, entre Bolívar que a desejava para a Colômbia e San Martín, para o Peru. Eram os dois os libertadores do Norte e o Sul. Com a morte dos dois heróis, Guayaquil passa fazer parte do país chamado Equador, em 1830. Nesse livro, seu “canto de cisne”, Adelpho Poli Monjardim demonstra todo o seu conhecimento histórico sobre a América Latina, sua capacidade de lidar com fontes históricas pertinentes e a sua clareza na redação de um texto documental de nossa história.

Em “O Tesouro da Ilha da Trindade”, sua primeira obra literária, Adelpho Monjardim, embora iniciante, já apresentava maturidade linguística e estética, fruto de suas muitas leituras. O que desejo destacar, neste ensaio, no entanto, é a mistura de realidade e fantasia, característica da obra ficcional adelphiana. Conforme ele mesmo diz, no Prefácio à primeira edição: “Quando me propus escrever a novela *O Tesouro da Ilha da Trindade*, determinei de forma que a mesma não fosse apenas filha da fantasia, mero trabalho de ficção. Lenda ou realidade, essa história fabulosa viveu momentos de extraordinário esplendor ao apagar das luzes do século XIX, quando inúmeras expedições esquadrinharam os seus montes e vales à cata do fantástico El Dourado”, para concluir: “Como de início expus, esta novela não é fruto exclusivo da imaginação. Calcada sobre episódios históricos e mundialmente conhecidos vem reviver a pitoresca e estonteante lenda que fez pulsar milhares de corações aventureiros e tornar conhecido de nós mesmos esse pedaço do Brasil, relegado ao esquecimento pela distância

quase invencível que nos separa”. Assim, as lendas em torno de tesouros escondidos na Ilha de Trindade foram o motivo para o imaginário de Adelpho criar os personagens Ricardo Taylor, o Dick, filho de inglês e de brasileira e seu amigo Martinho de Nova, tenente da Marinha, que se aliam para ir em busca de um tesouro na Ilha da Trindade. Saem do porto de Vitória, em 1897, no “Albatroz”, com uma tripulação de 25 homens, comandados pelo Mestre Rodrigues. Ao chegarem à Ilha, descobrem Marina, filha do Mestre, e partem em busca do tesouro, que, no entanto, é protegido um estranho vulto, o Solitário, “um bichão ermo e grosso, com dois olhos que deitavam fogo”. Após uma semana na ilha, muitas aventuras e perseguições ao monstro, chegam à caverna onde havia o tesouro guardado por ele. Martinho luta, ferozmente, com o monstro e vence-o, mas o tesouro se perde nas profundezas do oceano junto com o seu guardião. Regressam a Vitória e Martinho ao Rio, mas promete voltar para ir em busca do tesouro perdido no fundo do mar. Dick, o narrador, termina a narrativa prometendo narrar, na próxima, a aventura que viveram, no mesmo cenário, quando voltaram, dez anos depois, em busca do tesouro perdido. É o final típico de uma novela de ação, como se pode observar, prometendo ao leitor novas aventuras: “As peripécias dramáticas desta segunda expedição, levada a efeito dez anos mais tarde, pretendo, como a estas, enfeixar num livro que legarei aos meus filhos, se a minha saúde precária, irremediavelmente comprometida pelo clima inóspito da Trindade, o permitir”.

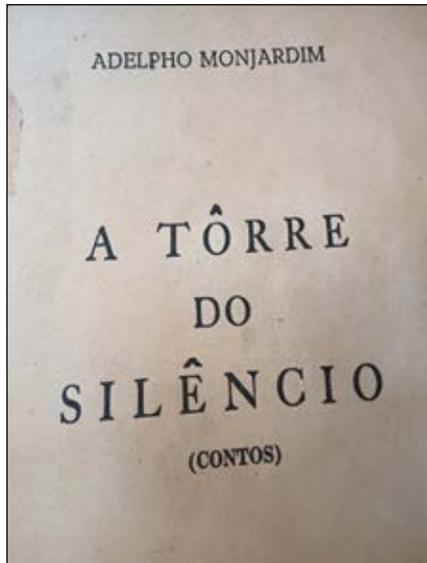
Em sua primeira obra, Adelpho Monjardim já se apresenta como mestre desse gênero literário, a novela de ação, um modelo vencedor no século XIX e na primeira metade do século XX, cultivado por vários autores, bem como uma extraordinária capacidade de elaborar diálogos, para prender o leitor à sua narração. A presença do elemento “estranho”, misto de homem/animal, o solitário guardião, que luta até a morte para preservar o tesouro, também é

outro elemento que caracteriza a narrativa realista fantástica, cultivada em outros livros do autor, como nos contos de “A Torre do Silêncio” e as “Novelas Sombrias”, em 1944. O realismo fantástico, em suas várias vertentes, o fantasmagórico, o estranho, o maravilhoso, foi sempre cultivado na literatura, e sua origem está no mito. Segundo J.L. Borges, o notável escritor argentino, “costuma-se dizer que o relato fantástico, como gênero mais ou menos definido, aparece no século XIX, na literatura anglo-saxônica. Essa ideia, cremos, é demasiado parcial para ser verdadeira. Se recordarmos alguns dos temas recorrentes do conto fantástico – as aparições de fantasmas ou de seres desconhecidos, as viagens através do tempo, as metamorfoses, os animais fabulosos, os poderes extraordinários, os feitos simultâneos em mundos paralelos, ou a imortalidade – não são assuntos privativos dos dois últimos séculos. Encontram-se em tempos e espaços remotos”. (In: *Literatura Fantástica*. Madri. Ed. Siruela, 1985).

Todavia, pode-se observar que as duas obras citadas de Adelpho Monjardim estão totalmente inseridas no realismo fantástico, com os elementos clássicos do gênero predominante no século XIX, consagrado por Edgar A. Poe, Hoffman, H.G.Wells, Hawthorne e tantos outros. Adelpho Monjardim não escreve à moda de Kafka, seu contemporâneo, ou dos brasileiros Murilo Rubião ou J. J. Veiga. Seu realismo fantástico, ou fantasmagórico, é o do século XIX, sem as nuances psicológicas pós-freudianas a que se costuma associar o fantástico moderno. Assim, nos seis contos de “A Torre do Silêncio”, personagens e cenários são estrangeiros, exóticos à nossa realidade. Em “Vinte minutos na Lua”, o jovem jornalista nova-iorquino Bill, ao entrevistar um místico hindu, é submetido a uma experiência de ir ao lado desconhecido da Lua, por vinte minutos, em companhia da jovem Diana, assistente do guru; em “Uma noite de horror”, a experiência é passar uma noite de terror, numa casa abandonada, a “Casa da Morte”, onde 15 anos atrás, ocorrera o

assassinato de um fazendeiro por seu capataz; em “A Torre do Silêncio”, o cenário é a Índia, em 1857, na época da dominação inglesa. A história narrada por um oficial inglês, tempos depois, ocorreu durante a Revolta dos Cipayos, um levante armado dos indianos contra os ingleses, quando ele e um colega devem levar uma mensagem a um batalhão inglês e é preso, ferido, e colocado na torre do silêncio, onde os mortos eram colocados para serem devorados por abutres; o conto “O Satanás de Iglawaburg” ocorre em 1914, perto de Praga, quando o narrador, Ernest Beir, recebe um bilhete de um colega da universidade, para visita-lo em seu castelo. Ao chegar lá, encontra o amigo preso à maldição de uma tela que retrata Satanás, o Gênio do Mal, trazida por um seu antepassado. O amigo enlouquece, incendeia o castelo e morre, pouco tempo depois, no hospício, enquanto o narrador se preparava para a Guerra, que incendiou a Europa. O quinto conto, “O Purba” retrata as aventuras de um jovem brasileiro “filho dos Pampas”, que sai pelo mundo, aos 17 anos, em busca de aventuras. Depois de percorrer grande parte do mundo, se alia a um ex-pirata chinês, Feng-li, e decidem ir a Lhasa, a cidade sagrada, capital do Tibet. Depois de muitas peripécias, perigos e aventuras, conheceram o Buda Viva e o Purba, o punhal mágico que nomeia o conto; o último conto, “O Diário da Medusa” narra a história contada por um velho marinheiro, o Marselhês, sobre um barco, o “Medusa”, encontrado à deriva próximo à Ilha Maurício. Ao entrar no barco, encontrou a tripulação toda morta por monstro que invadiu um navio durante uma tempestade e o diário do capitão que registrou todo o horror. Sepultado o capitão e o Marselhês, ao chegar ao seu país, foi em socorro da família dos marinheiros mortos do Medusa. Conforme Borges, antes citado, “A literatura é essencialmente fantástica”, “o importante é que o resultado seja feliz” (Id., *ibid.*, p.25). Essa me parece a tônica de todos os contos citados: apesar de todas as peripécias, desafios, incertezas, medos, perigos, há um equilíbrio ao final,

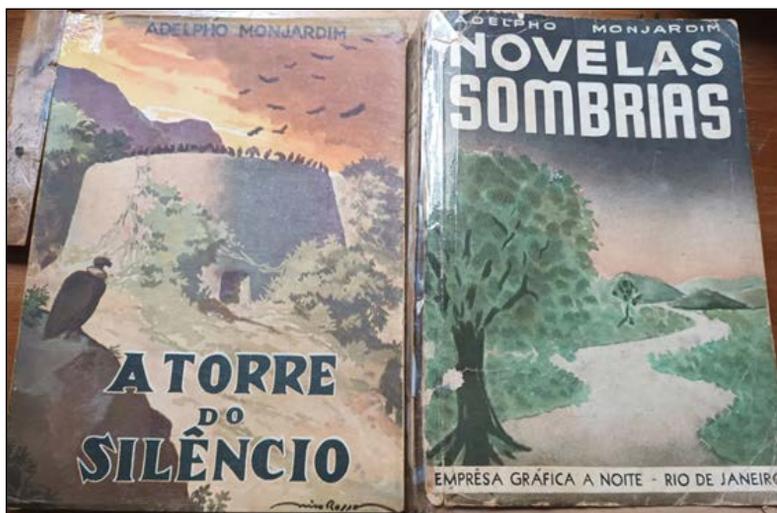
uma volta à normalidade, o que não acontece nas narrativas kafkianas, onde tudo é fantástico, e assim permanece.



*Folha de rosto de A Torre do Silêncio, 1944.*

“Novelas Sombrias”, também publicado em 1944 pela mesma editora A Noite, do Rio, constitui-se de uma novela “O estranho caso de Phelippe Augusto Gringoire”, e de cinco contos: “O Fantasma da Casa Grande”, “O Fazendeiro da Bocaina”, “O Feiticeiro”, “O Lobisomem” e “O Convidado Nº 13”. Todos trazem elementos bem característicos da narrativa fantástica: elementos sobrenaturais, insólitos, inexplicáveis, estranhos, ilógicos, mas com uma nebulosidade com relação à fronteira entre o real e o irreal, o possível e o impossível. Essa indistinção provoca no leitor uma hesitação que o faz perguntar: será que isso aconteceu mesmo? Ou ainda: o ocorrido é imaginação ou realidade? É sobre essa vacilação que trabalha o autor das histórias fantásticas e, nesse aspecto, Adelpho Monjardim é craque, mestre na arte de efabular e de construir diálogos e enredos verossímeis e fantasiosos. Outra

faceta interessante nas narrativas fantástica do autor é a de trazer lendas capixabas, como a do “Tesouro de Caçaroca”, “O Fantasma da Casa Grande” ou a do “Lobisomem do Caparaó”.



*Capas das primeiras edições publicadas em 1944  
pela Ed. A Noite, do Rio de Janeiro.*

Outra vertente literária de Adelphi Poli Monjardim é a de historiador, como tão bem revelou em sua última obra publicada, “A Entrevista de Guyaquil”; no entanto, ela, às vezes, se confunde com a do ficcionista, e o resultado não é tão bom, como se pode ver na obra “O Brasil no ano 2100, Ensaio”, de 1988. Nela, o velho historiador Sorel, “Nobel de História” – não existe – é visitado por um jovem universitário, Daniel Sikorkis, em sua “casa de aspecto nobre”, na rua Barão de Monjardim, em Vitória (onde vivia Adelphi), no dia 16 de setembro (aniversário do autor) de 2100. Seu objetivo é entrevistar o historiador ficcional sobre uma tese que pretende escrever sobre a História, “a narração crítica dos grandes Estados, Guerras, grandeza, preponderância e

decadência dos mesmos”. Sorel afirma ser ambicioso seu projeto, mas se propõe ajudá-lo. Primeiro, discutem se História é ciência ou arte, chegando à conclusão de “Não nos interessa como definir a História”, pois são “assuntos de lanacaprina”. E aí começa a longa digressão do pseudo historiador, que começa a discorrer sobre Alexandre, César e Aníbal, Cipião, o Africano, Epaminondas, Pirro, suas batalhas, vitórias e derrotas. Discorre sobre Aníbal, o cartaginês, o maior de todos, segundo ele, cujo “retrato moral moldura o físico”. Para o senil historiador, “sem lutas e sem antagonismos, as sociedades cairiam em torpez que as incapacitaria para o progresso. A guerra é um fenômeno humano, político e social e resulta das atividades e aspirações dos homens”. Para ele, “A guerra é quase uma lei da natureza”. Essa premissa do historiador Sorel é a mesma do ficcionista Monjardim, o que se revela em quase toda a sua obra não ficcional. Embora ele discorra sobre a história mundial, desde a antiguidade até os tempos atuais, como a história da eterna guerra entre os homens, ele a conclui com uma futurologia utópica, ficcionalizando a realidade: “Estamos em pleno Ano 2100. O Brasil prospera e não para de crescer. Pacificado o mundo, a razão voltou à humanidade. Guerras, guerrilhas, revoluções, são coisas do passado. É com horror que o homem moderno percorre as velhas páginas da História. Possuiria o homem de outrora dupla personalidade? Espécie de Dr. Jekil and Mr. Hyde? O homem que realizava feitos portentosos, conquistas sublimes nos campos da Ciência, dilatando os conhecimentos do Cosmos, conquistando a Lua, visitando planetas, era o mesmo que deflagrava guerras de extermínio, hecatombes de sangue em que mergulhavam as nações? Hoje a paz é real, verdadeira, universal. A tranquilidade. A Pomba da Paz, que há milênios alçou da Arca o voo fraterno, conduzindo o ramo de oliveira, baixou entre nós. Hosanas a Deus nas alturas. Paz na Terra aos homens de boa vontade”.

Em outro de seus livros, “O Preço da Glória”, publicado pelo IHGES, do qual era membro atuante, em 1985, desde

o Preâmbulo, Adelpho P. Monjardim define o seu conceito de História: “Que é a História senão relato de crimes e desgraças?” Nesse livro, escolheu vinte personagens históricos para mostrar como, “muitas vezes, a criatura se volta contra o criador”. Dos vinte escolhidos, 18 são homens e 2 mulheres, Joana D’Arc e Madame Curie. Os outros são: Robespierre, o alpinista inglês Whymper, Savonarola, Amundsen, Santos Dumont, Mussolini, Fernão de Magalhães, Tiradentes, Joseph Smith, o Mórmon, Otto Lilienthal, inventor do planador, Lord Carnarvon ou A maldição de Tutankhamon, Hitler, Domingos José Martins, Giordano Bruno, Gandhi, Colombo, Simón Bolívar, Aníbal, o Cartaginês. Creio que a simples escolha desses personagens históricos já seria sintoma para diagnosticar, ideologicamente, o escritor Adelpho Monjardim. Basta, no entanto, um deles, Benito Mussolini, de quem afirma: “Reconhecemos nele grande político, grande estadista, extremado patriota e sobretudo incomparável administrador. A sua ação de homem público, de larga visão, de pronto se fez sentir. [...] A presença de Mussolini se impôs positiva, transformando o país como um passe de mágica. As ferrovias, péssimas e deficientes, passaram a ser modelo. Levantou a nação, o moral do povo, voltando o nativo a orgulhar-se da pátria”. Monjardim conclui seu texto laudatório a Mussolini, lamentando: “Notável estadista e administrador, em que pese os seus erros, não merecia a morte infamante, o fim ignóbil. Enfim, no mundo, tudo é passageiro, mesmo a Glória. Filho da sua fértil imaginação, das elucubrações das longas vigílias políticas, em meio a uma Itália conturbada, Mussolini criou o Fascismo e terminou vítima do próprio gênio”. Por aí, pode-se ver o posicionamento ideológico do autor diante da História.

Em 1948, criou-se a Lei Municipal 20/48, instituindo o Prêmio Cidade de Vitória, que oferecia um valor em dinheiro e a publicação da obra vencedora. Cinco concorrentes se candidataram e Adelpho Poli Monjardim saiu vencedor com a obra “Vitória Física”, juntamente com Maria Stella de

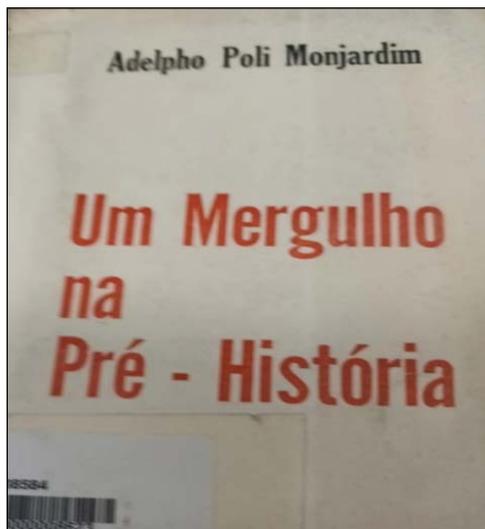
Novaes. Sua obra trata dos aspectos físicos e geográficos da Ilha de Vitória, seus bairros, morros e pedras, de uma forma que granjeou a admiração dos leitores. Adelpho, que já era bem conhecido como ficcionista, torna-se reconhecido por seu caráter de pesquisador, o que o levou a ingressar no IHGES. Como afirma no Prólogo “PORQUE”, sempre teve inclinação pela Geografia, sobretudo a Física: “as montanhas exercem sobre meu espírito estranha sedução – talvez influência do meio. Que é Vitória senão montanhas?” A 1ª edição do livro saiu em 1949 e uma segunda, em 1995, org. de Amylton de Almeida.



*Capa da 1ª ed. de Vitória Física e  
Imagem do autor jovem inserida na edição (1950).*

Após o sucesso da publicação de “Vitória Física”, Adelpho publica três obras não ficcionais: “O Exército visto por um Civil”, “Bolívar e Caxias, paralelo entre duas vidas” e “Uma Entrevista com Simón Bolívar”, em todas revelando sua admiração pelo militarismo e pelos grandes militares da História. Somente em 1976 sai seu novo romance de aventuras “Um Mergulho na Pré-História” já anunciado na

1ª ed. de “Vitória Física”, uma edição de 393p. O livro trata da aventura de Lord Summerville, que reuniu uma equipe, dentre a qual o brasileiro Carlos Madeira, para penetrar no interior do Brasil, pelos rios Tocantins e Araguaia, em busca de comprovação de sua tese de que dinossauros e homínidos coabitaram, no mesmo tempo e espaço. Depois de longa viagem cheia de perigos, dentre os quais uma quadrilha de traficantes internacionais, ataque de animais selvagens e de aguerridos nativos, chegam ao Vale da Morte, onde todas as suas expectativas foram bem sucedidas, incluindo o encontro de animal antediluviano ainda vivo. Com apenas uma perda, a do geógrafo Huston, o périplo pela selva amazônica termina em Belém, com o regresso de George, outro membro da expedição, à Inglaterra convocado para lutar na II Guerra Mundial. Os elementos fantásticos presentes em toda a viagem e, principalmente no Vale da Morte, como animais gigantes, dentre outros, mostram a extraordinária capacidade inventiva do autor. Afinal, já lhe vaticinara o pai: “Vai ser escritor ou um grande mentiroso”.



Seu terceiro romance, “Os Imigrantes”, publicado em

1980, reconstitui a saga do Conde Luigi de Castiglione, “alto, espadaúdo e atlético, um belo homem” que, ao se empobrecer na Itália, por ter emprestado dinheiro ao governo italiano durante as guerras de unificação, vem com a mulher, Gina, e o Filho, Benito, como imigrante, para o Brasil. Seu destino era São Paulo, mas o comandante os desembarca em Piúma. Daí, são levados para o Diretor do Serviço de Imigração, Aristides Guaraná, militar da Guerra do Paraguai, que, ao ver sua cultura e ‘nobreza,’ diferente dos rudes imigrantes que chegam o contrata como Secretário. Vivem cinco anos no Espírito Santo, depois vão para São Paulo, onde Benito continuará os estudos e o Conde administrará a fazenda de café do Comendador Arzão, colega de caserna de Guaraná. O final é feliz: o Conde recupera sua fortuna emprestada ao governo, recompra o castelo de sua família, compra uma das fazendas do Comendador e Benito se compromete com a filha do fazendeiro vizinho, após achar uma bolsa de riquezas perdidas por antigo bandeirante em suas terras. Infelizmente, essa não foi a sorte dos milhares imigrantes italianos, alemães e outros, que vieram para o Brasil e aqui só encontraram muito trabalho, fome e muita formiga. A história do Conde Luigi, imigrante italiano, é bem diferente de outras já escritas no Espírito Santo como a de “Karina”, de Virgínia Tamanini, “Da Itália ao Brasil”, de Ormando Moraes, “Do Veneto para o Brasil”, “Giovani Maria” e “La vita de Vitorio”, de Douglas Puppim. Parece que, até na literatura, a fantasia favorece os ricos enquanto a realidade é dura para os pobres.

Seu segundo livro publicado foi “Novelas sombrias” com o qual ganhou, em 1936, o Prêmio Muniz Freire do Concurso Literário e Científico do Espírito Santo, no Rio, pela Editora A Noite, em 1944. Naquela época, não havia editoras capixabas. Sobre esse livro recebeu vários elogios, dentre os quais o de Raul Pederneiras: “Sinto nas páginas de seu livro, inicialmente, o atrativo que imortalizou Hoffmann, com muito maior verossimilhança e estilo insinuante” e o de Armando Gonçalves: “O vitorioso escritor capixaba, em

suas novelas, se nos afigura à feição de Edgar Poe, pelas suas tendências para os assuntos macabros que deram ao gênio americano a sua notabilidade”. Ernest T. A. W. Hoffmann (1776-1822), escritor romântico, compositor, desenhista e jurista alemão, conhecido como um dos maiores nomes da literatura fantástica do século XIX, bem como o escritor norte-americano Edgar A. Poe (1809-1849, conhecido por suas histórias de mistério, considerado o inventor da ficção policial e da ficção científica, são as duas principais referências para a literatura de Adelpho Monjardim. Embora tenha escrito seus contos da segunda metade do século XX ao final, Monjardim segue modelos literários do século XIX, como se pode comprovar, nos oito contos publicados em “Sob o céu de Ísis”, em 1978, bem como nos “Contos Fantásticos”, de 1980. Os vinte contos dessa obra são, claramente, influenciados pelo realismo fantasmagórico, com presença de elementos insólitos ou macabros comuns às narrativas de Poe e de Hoffmann, no século XIX.

Portanto, Adelpho Poli Monjardim deixou como principal legado para a literatura do Espírito Santo, preciosa incursão ao gênero literatura fantástica, em sua obra ficcional de contos, novelas e romances; em sua contribuição à História e à Geografia, publicou obras que nos fazem recorrer à história da humanidade e, sobretudo, à da América Latina, veiculada em sua visão bastante pessoal dos fatos históricos; mas, sobretudo, o seu veio mais forte é o profundo conhecimento e amor que devotou a sua cidade natal, Vitória, e ao nosso Estado, o Espírito Santo, como se pode comprovar em “Vitória Física”, “O Saldanha do meu tempo” e “O Espírito Santo na História, na Lenda e no Folclore”.

Em seus vinte e dois livros publicados, em cerca de cinquenta anos de produção literária, metade de sua longa vida, Américo Poli Monjardim deixou de legado nove títulos literários, sendo três de romances/novelas, quatro de contos fantásticos, um de crônicas memorialísticas e um

de lendas capixabas. É sua melhor obra e merece ser reeditada e estudada para conhecimento das novas gerações. Sua obra não-literária totaliza dez livros de ensaios históricos, geográficos e biografias; dois de diálogos ideológicos, defensor apaixonado do militarismo, do patriotismo e da ditadura militar e o seu discurso de posse na AEL, em 1973. Sem nenhuma dúvida, seu maior legado para o Espírito Santo e para as letras capixabas é a sua criação literária, a introdução do realismo fantástico no Espírito Santo e o amor que tinha à sua terra natal. Encerro este ensaio com as suas palavras, em seu discurso de posse na AEL, em 28 de junho de 1973: “Nos livros que escrevi, em todos está minh’alma genuflexa ante o seu altar”.

## ANTOLOGIA

### O Solitário

– O Solitário! – exclamou ele. Esta exclamação ressoou nos meus ouvidos como um dobre de finados. Marina agarrou-se comigo. Senti momentaneamente a sensação do vácuo e aniquilada a minha vontade. O torvo e sinistro Solitário, criação maléfica de Satã, inspirava-me invencível repugnância e eu lhe tinha ao mesmo tempo ódio e pavor. Reagindo prontamente contra a minha fraqueza, afastei Marina para o lado e de um salto alcancei o rebordo, de revólver em punho. Curvado sobre negra fenda rasgada na parede do túnel, vi o Solitário à luz vermelha de sua própria lanterna. Não me empolgasse Martinho com a sua mão de ferro e eu teria ali mesmo liquidado o repelente indivíduo. O ambiente, por si mesmo medonho, sob os raios vermelhos da lanterna do Solitário, tinha algo de infernal. Com o hercúleo e nodoso busto mergulhado nas sombras da caverna, o sinistro homem da ilha esforçava-se por arrastar qualquer coisa extraordinária-

mente pesada. Descobrimos em breve ser uma grande arca de ferro. Mais um esforço e ela tombava no pavimento de pedra arrancando do seu interior sons argentinos. Empolgados pela estranha cena, contínhamos a respiração. Na penumbra, os olhos de Martinho despediam chispas. Dir-se-ia um tigre preste a saltar sobre a presa. O Solitário arrastou o pesado fardo para a beira do rebordo e empunhando enorme pedra vibrou repetidos golpes sobre o grosso ferrolho, fazendo-o saltar. Escancarada a tampa da arca, refulgiu ante os nossos olhos atônitos, em todo seu esplendor, o lendário tesouro da Trindade! Jamais olhos humanos viram riquezas mais soberbas! Ouro, prata, moedas, coroas, joias e as mais custosas gemas faiscavam provocadoras aos rubros reflexos da lanterna do Solitário! Com alegria vizinha da loucura, o Solitário mergulhava as mãos ávidas naquele tesouro das “Mil e Uma Noites” e não satisfeito mergulhava também o rosto, enchendo a barba hirsuta e a boca brutal de cintilações magníficas; e, às mancheias, derramava sobre a cabeça as louras moedas para depois, em cabriolas desordenadas, rolar pelo chão presa de fúria. Era grotesca e terrível a sua alegria. Enlouquecia-o o demônio da cobiça. De que seria capaz lia-se na bestialidade das suas feições, quando mais calmo contemplou as suas riquezas. Compreendemos quão terrível era aquele homem. Embora atroz o nosso despeito, não pensamos um só momento em suplantá-lo por um golpe de força. Queríamos, sim, prendê-lo, entregá-lo à Justiça para que respondesse pelo crime que praticara, mas sabiamente diz o provérbio: o homem põe e Deus dispõe. Não há que fugir à regra. Ao tentar aproximar-se do homem da ilha, para cumprir a nobre missão a que se impusera, Martinho o fez com tanta infelicidade que pisando em falso numa pedra a fez rolar com fragor até o fundo da caverna. De um salto, ergue-se o Solitário! Estava transfigurado, irreconhecível! Dois olhos desumanamente ferozes coruscavam nas trevas. Anelantes, encolhidos, aguardamos os acontecimentos. Bem perto, ouvíamos a respiração ofegante do seu peito gigantesco e, convulso, aper-

tei a coronha do revólver. Sob os nossos pés rugia o mar no fundo da voragem. A vista penetrante do monstro, afeita às trevas, descobriu-nos facilmente. Arrancando da cinta larga e espontada faca, avançou resoluto e feroz como os búfalos das savanas. De pé no estreito rebordo a figura esbelta e atlética de Martinho tolhia-me a passagem, obrigando-me a assistir passivamente à luta titânica preste a ferir-se. Marina deu mostras, naquele momento, de surpreendente coragem e verdadeiro ardor combativo. (*O Tesouro da Ilha de Trindade*, P. 103-104).

### Duelo de Titãs

Fez-me lembrar de certo episódio que meu pai contava de um soldado que nas vésperas de batalha era um covarde, mas, ao primeiro contato com o inimigo, transformava-se em verdadeiro demônio. Na falta de armas adequadas, ela procurou afoita uma pedra com a qual se muniu para intervir na luta e foi preciso que eu a segurasse para não sair do lugar em que a coloquei. Espremidos num canto, eu e Marina presenciávamos com os olhos desmesuradamente abertos e sem tomar fôlego o duelo de morte entre os dois titãs. Não me restava dúvida que Martinho seria vencido e esmagado mesmo naquela luta desigual e só esperava vê-lo fraquejar para entrar com o contingente decisivo que eu tinha encerrado no tambor do meu Colt. A lâmina de aço brilhou fugaz no espaço e, em curta trajetória, abateu-se mortal sobre o meu amigo, que esquivando-se habilmente deixou-a passar e rápido vibrou potente *uppercut* no mento do Solitário, atirando-o de encontro à muralha. Martinho era hábil lutador e, durante a sua longa estadia na América do Norte, praticara com sucesso o boxe, no qual era perito. Antes que o formidável contender se refizesse do golpe, Martinho travara-lhe o pulso, torcendo-o. Selvagem urro escapou-se do peito da fera e a faca tilintou nas pedras. Com o pé, Martinho afastou-a para longe. Aproveitando-se de um descuido do meu ami-

go, o Solitário safou o pulso com forte repelão e enlaçou-o pela cintura. Ambos rolaram pelo chão, ficando Martinho imprensado contra a arca de ferro e tendo o Solitário sobre o peito. Visivelmente mais forte, este tentava subjugar-lo. O esforço dos dois homens era tamanho que a pesada arca ia cedendo a sua pressão para as bordas do túnel e seria a perdição de Martinho. A arca já oscilava na extremidade do rebordo e embaixo a voragem aguardava a sua presa segura. Entretanto, Martinho tentava em vão libertar-se das garras poderosas do formidável antagonista. Resoluto, entrei na luta, atirando à cabeça do Solitário tremendo golpe com a coronha do revólver. Surpreso e meio tonto com o inopinado ataque, o miserável afrouxou um pouco as mãos, de que se prevaleceu Martinho para aplicar-lhe com os pés tremendo golpe no peito e safar-se. Com o choque, o Solitário foi cair por cima de um monte de pedras. Na sua ira, ergueu com pasmosa facilidade um dos enormes blocos de granito que apanhou a esmo e com eles, nos ares investiu sobre Martinho. Na iminência do perigo, não trepidei. Fiz fogo sobre a besta humana; errando o alvo. O maldito parecia ter pacto com o demônio ou o corpo fechado para as armas de fogo como na crença ingênua dos nossos sertanejos. A pedra facilmente evitada foi cair no fundo do túnel e os dois adversários empenharam-se novamente em encarniçado corpo a corpo. Hábil e veloz esmurrador, Martinho martelava sem cessar a cara e o estômago do contendor, levando-o para o bordo do precipício. Atingido por violento direto, Martinho retrocedeu cambaleante, recrudescendo o Solitário em furor. Sob forte saraivada de golpes, Martinho recuava cobrindo-se cuidadosamente até que, achando uma brecha na defesa do Solitário, fintou rápido, iludiu-o com a esquerda ao plexo e enviou-lhe potente direita à mandíbula, atirando-o violentamente sobre a arca. Concretiza-se aqui toda a tragédia da nossa curta aventura. Sob o peso do Solitário a arca vacilou por uns instantes à beira da voragem e caiu, arrastando-o na sua queda. Até hoje ressoa em meus ouvidos o grito de an-

gústia daquele homem ao despenhar-se. É que ele sabia o fim trágico que o aguardava no fundo do tenebroso pélagó. Mal se fecharam sobre a sua cabeça as águas espumantes, sinistro burburinho fez-se ouvir seguido de indescritível clamor. Guinchos estridentes, rancos surdos de monstros em luta, de poderosas caudas espadanando as águas nos deixou estarcidos, colados à parede e no fundo opaco do abismo brilhavam dois olhos sinistramente verdes! Estava para sempre perdido o famoso tesouro! Para sempre sepultado no pélagó insondável sob a guarda incorruptível dos fantásticos povoadores dos sombrios abismos marinhos. Foi com verdadeira alegria que tornei à luz do sol, fora do tenebroso antro e fiz votos comigo mesmo de não mais voltar àquelas paragens. (*O Tesouro da Ilha de Trindade*, P. 105).

#### VINTE MINUTOS NA LUA

Chapéu batido para trás, paletó desabotoado, colarinho aberto e a gravata frouxa, embarafustouse, pela redação do «Star», o reporter Bill. Como sempre atrasado. O' Connor, o redator, mirou-o por cima dos óculos. Sem dar-lhe tempo, Bill deixou cair sobre a sua mesa algumas tiras de papel, e gritou para que todos ouvissem:

— Os Yankees venceram! E, vertiginosamente, foi-se, por entre as mesas, em busca da sua. Arrastou a cadeira e deixou-se cair sobre ela com todo o peso do corpo, soltando ruidoso suspiro de alívio. Maquinalmente estendeu as longas pernas e pousou-as sobre a secretária, ageitando entre elas a «Remington» portátil. Em tão cômoda posição começou a dedilhar o teclado com ímpeto heróico das sinfonias de Beethoven. A pobre estremeceu e ameaçava desconjuntar-se sob o peso daquelas mãos. O carro constantemente arremessado de um extremo a outro, percutia, sem descanso, o marginador, fazendo-o vibrar em tlim-tlins sonoros, verdadeiros »SOS« de dor e de desespêro.

*In: A Torre do Silêncio. 1944.*

## UM PRESENTE DE GREGO

Em certo mês dos Anos Vinte, chegou a Vitória o "Haverava", navio do Lloyd Brasileiro. Até aí nenhuma novidade. Agitou-se a moçada saldanhista ao saber da presença, a bordo, de um "faixa-preta", aluno do famoso Conde Koma, professor e campeão de "jju-jitsu", com Academia em Belém do Pará. Logo a rapaziada procurou conhecer o homem. O navio permaneceu ancorado, no porto, durante muito tempo. Os que iam a bordo voltavam contando prodígios do homem. Diziam que com uma cutelada de mão quebrava quatro tabuas de regular grossura. Eu ouvia as histórias mas não me abalava para conhecer o fenômeno. Ouvia de alguns o desejo de desafá-lo, mas desejei apenas. O herói, imediato do navio, chamava-se Telles, natural do Pará. Conheci-o em circunstâncias que jamais esquecerei. Fardado, não parecia o forte que era.

Por uma manhã estourou a notícia! Desafiaram o homem! A luta seria na garagem, no domingo. Sucesso! E o valente? Quem era? Nada mais do que o folclórico Bicuiba e o folgado Carlos Magno da Cunha. Finalmente o Zezé iria ter motivos para justificar a incondicional admiração pelo ídolo, que iria então demonstrar que realmente possuía "força, fôrgo e jéquo". Exceto o remo, desconhecíamos quaisquer outras aptidões esportivas no Bicuiba. Quanto ao Carlos, o silêncio era total.

Rádios, insolarado, amanheceu o dia da luta. Como de hábito, cedo eu já estava na garagem. Lá estavam os dois valentes. Iria assistir bela e reñhida pejeja, pensei. No local só nós três. Sentei-me no banco e me pus a observá-los. No pequeno espaço fronteiro ao mar, agitados, eles traçavam de um lado para outro, e às vezes se esbarravam. Nervosíssimos! Perguntei-lhes o motivo. Trêmulo, apavorado, respondeu-me o Bicuiba: - É que o Carlos desafiou aquele homem! E apontou o mar, onde um bote se aproximava. "Naquele engano d'alma ledo e cego, que a fortuna não deixa durar muito", regosjei-me. Iria assistir dura pejeja.

Veloz se aproximava o bote. Pude então apreciar o atleta, que de costas para nós, na popa do bote, remava à zinga. Um pedaço de homem tremendamente forte. As oscilações do poderoso dorso, os movimentos dos possantes braços, faziam com que se salientasse a desenvolvida musculatura dorsal, oscilando de um lado para o outro como a bolha de um termômetro.

— 17 —

*Em "O Saldanha do meu tempo". 1983.*

PÁGINA 8

FEVEREIRO

JORNAL

Prematuramente arrebatado ao nosso sono, Délio Magalhães desapareceu na plenitude das suas forças, do seu talento, abribo-se senão até então nas letras jurídicas do Espírito Santo.

Talento polímorfo, culto, apaixonado do Direito, fez-se que lhe permitiu representar o Brasil, em vários e importantes Congressos Internacionais, com brilho e realce para a nossa Cultura.

Em memorável Congresso, realizado em Portugal, entre renomados juristas de vários países, com tanto brilho se houve que mereceu do país irmão as mais consideradoras manifestações de apreço, merecendo mesmo uma das suas maiores Comendas.

Entretanto, era ele um simples, como soem ser os homens de real mérito. Não ignorava o seu valor. Era sol e não luz, irradiava luz própria.

Um dos nossos jornalistas, profissional consciente, incapaz de mercantilizar a pena, bajalando mediocridades, disse, certa vez, na acreditada coluna do seu diário, ser Délio um dos injustiçados desta terra, onde são endeusadas tantas nulidades. Foi justo e severamente sincero o preclaro periodista.

Vergilina de ilustre e honrada família capixaba, Délio aqui nasceu e criou-se. Formado em Direito, exerceu com brilho a advocacia e levou as luzes do seu saber à cátedra que exerceu na Universidade Federal do Espírito Santo. Todavia, ja-

mais mereceu o destaque devido à sua erudição, ao ser caráter reticente e sobretudo pelo que representou nas letras jurídicas do Estado, quão do Brasil.

Todas as conquistas as obteve graças à competência e ao trínho profissional, ao ímpeto cabedal humanístico que o caracterizou, não só na cadeira professoral como na árdua e nobilitante missão de juiz, onde buscou "a inspiração de só fazer justiça".

Alma pura, leal e sincera, foi sobretudo um bom. Na passagem pela vida observou sempre os ditames da virtude. Incompreendido, ferido na sutil sensibilidade de homem prebo, injustiçado, jamais se revoltou ou procurou revidar o mal na mesma moeda. Fino, elegante, espírito de excol, era aristocrático mesmo ao desprezar perdoava sempre.

Não raro o Destino é injusto com os homens, negando-lhes em vida as honrarias com que lhes exorçará à memória; louros e mercês que não mais encontrarão eco, ressonância, perdidos no tempo e no espaço.

Cansado das injustiças terrenas, Deus conclamou-o à sua Santa Morada, para que sentiassem o claro da sua análise, para que compreendessem quão grande foi.

Cabe aqui a célebre frase de Henrique III, ante o cadáver do Duque de Guise: "Morto, parece ainda maior do que viveo!"

Por Adolpho Poli Manjardim

DÉLIO MAGALHÃES

*Crônica de APM sobre "Délio Magalhães",  
publicada no Jornal da AEI. 198[...]*

## CIDADE SEM CORAÇÃO?

Adelpho Poli Monjardim

Quem viu e vê Vitória, aquela que combeteu ao voltar do Rio de Janeiro, em 1915! Era pobre, porém, acolhedora. Tinha alma. Não vivamos a miséria que ora existe. Se mal caídas as ruas, eram limpas. Assim impunha o decoro.

Não obstante o progresso material que a engrandece, o cultural não parece ter observado o mesmo ritmo. Esquilou-se a cortesia, coisa rara, tornando-se a eris uma selva de pedras. O burburinho das ruas abafou o gemido dos aflitos, dos que sofrem e buscam lenitivo para os tormentos físicos. Inescrevível a multidão passa, alheia, indiferente às dores que se estendem para a esportividade.

Jamais, entre nós, a indigência silenciosa sística tão altos.

Numerosos, os mendigos se aboletam, ao longo das calçadas, durante o dia. E à noite? Se as autoridades descessem à planície e, burguesmente, andassem a pé, veriam coisas que às suas almas piedosas quitariam o sono.

Em plena Prêca Costa Pereira, junto à Cobal, empilhada sobre esfarrapado colchão, ao relento, dorme uma família, sujeita às inclemências do tempo. Não muito distante, em Barão de Itapemirim, frente à Brastel, menores dormem ao abrigo de papalbas, rostos colados ao chão, respirando o pó impuro e sonhando, quem sabe, como sonham as crianças ricas. Crianças que jamais conheceram o conforto sequer de humilde esteira. Pobre e

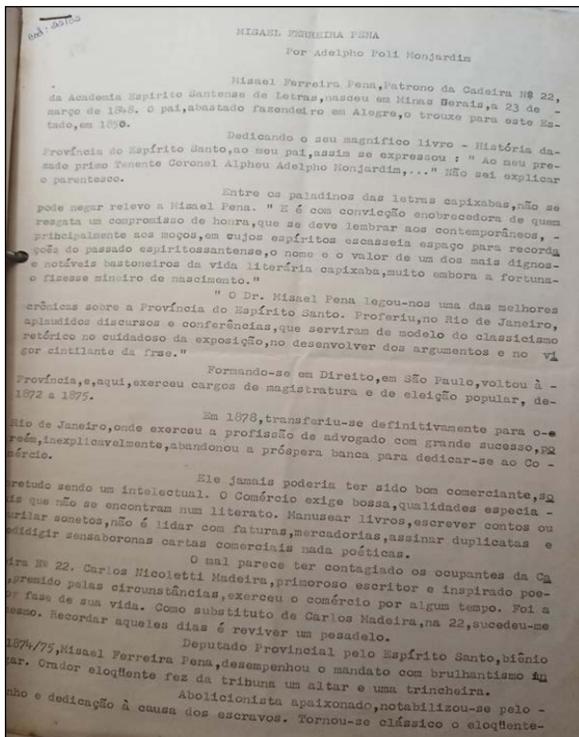
infeliz infância! Infância abandonada! Marginais de amanhã!

Que esperam as autoridades para a criação de um albergue noturno? Dêem-lhe outro nome, se assim quiserem, menos agressivo, menos contundente, mas retirem das ruas os infelizes sem lar.

A organização deve ser completa, com bastantes leitos e serviço médico e social; não só para a recuperação dos enfermos como para devolvê-los à Sociedade íntegra e sadia, integrados ao meio, conjugando o fantasma da marginalidade.

A vertigem das alturas ofusca aos eleitos, a visão do abismo, mas não olvidem eles que "a compaixão é uma das principais entre as faculdades da alma humana".

Crônica de APM sobre Vitória. A Gazeta. 21/11/1984.



Ensaio sobre Misael Ferreira Pena. Datiloscrito em sua pasta no arquivo da AEL.

## ANEXOS

### A ILHA DA TRINDADE E SEUS TESOUROS

Fernando Antônio Moraes Achiamé.

A primeira edição do romance *O Tesouro da Ilha da Trindade* foi impressa na Gráfica de *A Noite*, do Rio de Janeiro, e lançada em 1942. A obra possui uma apresentação escrita em espanhol, assinada por um certo Raúl de Guíñazú e datada de dezembro de 1939. Até onde sei, houve apenas uma outra edição, a segunda, organizada por Eliane D. S. B. de Souza, e publicada em 2008 com apoio da Lei Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Vitória. Ambas estão esgotadas. Assim, veio em muito boa hora a indicação do professor Francisco Aurelio Ribeiro, presidente de honra da Academia Espírito-santense de Letras – AEL, de reeditar o romance de Adelpho Monjardim. Para esta edição, procedi ao escaneamento da obra publicada em 1942 e atualizei a ortografia. Alterei muito pouco a pontuação original e corrigi os evidentes erros de composição tipográfica, mais comuns quando ela era manual. A apresentação em espanhol foi revisada pela mestra nessa língua e atual presidente da AEL, a professora Ester Abreu Vieira de Oliveira. Com tudo isso, tive oportunidade de, afinal, ler a obra de que já ouvira falar há tanto tempo. E sua leitura me surpreendeu positivamente. O romance guarda o ar do tempo em que foi idealizado e escrito – nas expressões empregadas, nos diálogos que refletem os costumes de então, nas descrições das paisagens quando nem mesmo fotos e filmes estavam tão acessíveis como nos dias atuais, e a Internet não existia. O enredo cativa por não ser linear; ao contrário, apresenta sempre uma surpresa, uma mudança de ação que prende o leitor. As palavras em desuso agora, ou mesmo de emprego restrito na época da composição do romance, nos incentivam para que façamos incursões aos dicionários (agora on-line), que nos permitem conhecer seu significado e nos divertir com essas descobertas. É que muitos termos antigos e sintaxes agora inusuais nos propor-

cionam novos sabores ao degustarmos os textos em que estão inseridos.

Adelpho Poli Monjardim foi romancista, jornalista, servidor público, político, historiador e geógrafo, nascido em Vitória aos 16 de setembro de 1903. Filho do segundo casamento de Alfeu Adelpho Monjardim de Andrade e Almeida, o Barão de Monjardim, e de Beatrice Poli Monjardim. Passou parte da infância no casarão, hoje Museu Solar Monjardim, em Jucutuquara; depois, por uns poucos anos, viveu no Rio de Janeiro, acompanhando seu pai que representava o Espírito Santo em cargo eletivo. Na juventude, residiu na chácara da família, no bairro da Capixaba, praticando esportes assiduamente, com destaque para o boxe e o polo aquático em que foi campeão estadual. Participou por muitos anos da vida esportiva do Clube de Regatas Saldanha da Gama, pelo qual nutria grande amor. De família de políticos influentes desde o Império na vida do Espírito Santo, elegeu-se deputado estadual e, por duas vezes, exerceu o cargo de prefeito de Vitória, entre 1955 e 1957 (indicado pelo governador), e de 1959 a 1963, sendo o primeiro mandatário da capital eleito para o cargo. Gozava de bastante prestígio na sociedade vitoriense e capixaba por seus predicados morais e intelectuais. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo – IHGES e na Academia Espírito-santense de Letras ocupou a cadeira 22. Trabalhou durante muitos anos na Tesouraria da Prefeitura Municipal de Vitória, pela qual se aposentou.

Era um homem sério, educado, afável, amigo dos amigos e de notável erudição advinda de estudos autodidatas. Mas possuía também espírito brincalhão, de que fazem prova os muitos casos e chacotas da juventude contados na obra *O Saldanha do meu Tempo* e as gozações e troças existentes no enredo ficcional de *O Tesouro da Ilha da Trindade*. Depois de aposentado, podia ser visto com frequência na Praça Oito, famoso ponto de encontro em Vitória durante certa época, palestrando com o Sr. Emílio Bumachar e outros companheiros de longa data. Tive o privilégio de conhe-

cê-lo pessoalmente, e com ele conversei algumas vezes sobre aspectos da nossa história, inclusive na sede do IHGES. Adelpho Monjardim tinha bastante intimidade com Vitória, cidade que o viu nascer e na qual morou praticamente a vida toda. E os seus habitantes, que até os anos de 1970 se contavam em alguns milhares, também conheciam bem o cidadão ilustre, detentor de várias condecorações e com vasta obra premiada, mas simples no trato e popular. Pode-se mesmo dizer que em torno da figura pública de Adelpho Monjardim havia um folclore benfazejo, devido a circunstâncias da sua vida pessoal. Ele era uma pessoa de hábitos regulares. Comentava-se ser possível acertar o relógio, quando passava em horários determinados, com os pés um pouco abertos, andar compassado e segurando o chapéu na altura do peito para atender seus compromissos. Um deles era visitar regularmente sua namorada por décadas, Iolanda Paoliello, com quem finalmente se casou. O enlace na catedral de Vitória foi notícia muito comentada na cidade, pelo fato de o noivo contar 88 anos de idade. Ele morava numa casa na rua Barão de Monjardim, na Capixaba, e faleceu em 6 de junho de 2003, aos 99 anos de idade. Os traços principais da personalidade de Adelpho Monjardim, cuja vida merece estudo biográfico abrangente, podem ser resumidos em três características. Em primeiro lugar, seu extremado amor por Vitória e por tudo que dissesse respeito à formação física, ao folclore e à história da cidade que o viu nascer. Em segundo lugar, o apreço especial pelos assuntos ligados à geografia. E, por último, o seu fascínio pela vida militar, vocação que possuía na mocidade mas fora frustrada por imposições paternas. Todas essas características da personalidade dele estão presentes, em maior ou menor grau, nas obras que produziu e denotadas já nos seus títulos, destacando-se entre eles: *O Tesouro da Ilha da Trindade*; *Novelas Sombrias*, Prêmio Muniz Freire do Concurso Literário e Científico do Espírito Santo; *Vitória Física – Geografia, História e Geologia*, Prêmio Cidade de Vitória; *A Torre do Silêncio*, contos; Bolívar e Caxias, paralelo entre

duas vidas, Prêmio General Tasso Fragoso da Biblioteca do Exército; *O Exército Visto por um Civil*, Prêmio do Exército Brasileiro; *O Grande Almirante*, biografia de Tamandaré; *Um Mergulho na Pré-história*; *Sob o véu de Ísis*, contos; *Os imigrantes*, romance; *O Espírito Santo na História, na Lenda e no Folclore*; *O Saldanha do Meu Tempo*, memórias; *O Preço da Glória*, biografias; e *O Ícaro Brasileiro*, biografia de Santos Dumont.

E os tesouros da famosa ilha? Um deles permanece lá – é ela própria, verdadeira preciosidade natural existente no meio do Atlântico Sul. Apesar de malbaratada em tempos idos com radicais alterações em sua flora e fauna, é mantida na atualidade pela Marinha do Brasil e órgãos federais de preservação ambiental para garantir sua integridade. A formação insular, um bem da União Federal, encontra-se na mesma latitude de Vitória e integra seu território; essa circunstância era ressaltada por Adelpho em conversas informais. Outro patrimônio valioso da Ilha da Trindade é sua movimentada história, que inclui a presença de navegadores em diferentes épocas, a ocupação pela Inglaterra durante algum tempo e até o uso como prisão política instituída pelo governo brasileiro. Outros tesouros vinculados à Ilha da Trindade – os livros de ficção ou ensaísticos que possuem como assunto essa formação geológica excepcional. E entre eles se distingue a presente obra, que circula entre nós há exatos oitenta anos, divertindo e instruindo jovens e adultos que percorrem suas páginas. Com esta edição, que além de impressa em papel, está disponível no formato PDF no site da Academia Espírito-santense de Letras ([www.ael.org.br](http://www.ael.org.br)), o romance se valoriza ainda mais por poder atingir em todo mundo grande número de pessoas interessadas em tema tão fascinante. Longa vida a este tesouro da Ilha da Trindade. (Dezembro 2022).

**Entrevista de Adelpho Poli Monjardim, um grande capixaba**  
Publicada em 18/04/2022 por Morro do Moreno.



*Adelpho Monjardim e Emílio Bumachar - time de water polo*

Neste volume, dedicado aos Esportes, a Comissão Editorial dos “Escritos de Vitória” resolveu prestar uma homenagem a nosso mais antigo desportista: o Dr. Adelpho Poli Monjardim.

Nascido em Vitória, em 16 de setembro de 1903, Adelpho é filho do Barão de Monjardim e de D. Beatrice Poli Monjardim. Foi deputado estadual e duas vezes prefeito da capital, sendo que da segunda vez o primeiro chefe do Executivo municipal a ser escolhido pelo voto direto. Presidente de Honra do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, e membro da Academia Espírito-santense de Letras, obteve em sua longa vida inúmeros e merecidos lauréis. Autor de inúmeras obras entre as quais se destacam *O tesouro da Ilha da Trindade*, 1942; *Novelas sombrias*, 1944; *Vitória Física*, 2a. edição PMV, 1995; *O Saldanha do meu tempo*, 1984. A Biblioteca Municipal de Vitória recebeu o seu nome.

Dele disse o atual prefeito Paulo Hartung ser “uma das personalidades mais versáteis de nossa história. Autor de 22 livros, o ex-prefeito Adelpho Poli Monjardim foi um atleta vigoroso, praticou remo, natação, water-polo, boxe, levantamento de peso e futebol. O ex-prefeito traduz a vitalidade e o potencial de Vitória”.

Fomos encontrar o emérito cidadão em sua residência da Rua Coronel Monjardim, com sua prestimosa esposa, companheira de todas as horas. Para começo de conversa, perguntamos ao Dr. Adelpho como foi sua infância. E a resposta veio prontamente:

“Lá da minha distante e encantadora infância é-me grato recordar os dias felizes em que de camisola corria pelos campos da fazenda Jucutuquara ainda orvalhados pelo sereno das madrugadas. Tinha, então, seis primaveras. A Casa Grande era, como ainda é, o meu encanto.

A Pedra dos Olhos, como é conhecida, exercia sobre mim estranho fascínio, e que mais tarde iria proporcionar-me um prêmio literário. A Casa Grande, saudoso, deixei-a aos seis anos, por força das circunstâncias, pois eleito deputado federal meu pai transferiu-se para o Rio de Janeiro. Durante os anos que lá vivi jamais a esqueci. Ao voltarmos fomos morar na Chácara da Capixaba, na capital... Ali cresci e me desenvolvi.”

— Como era o bairro da Capixaba quando de sua volta para Vitória?

“Não obstante a sua importância política, deixava muito a desejar. A via principal não era calçada e as suas casinhas pobres destoavam dos três ou quatro autênticos palacetes. Hoje é dos mais belos bairros da capital.”

— E Vitória, naquele tempo?

“Vitória, que conheci em 1915, era cidade provinciana, sem grandes atrativos a não ser o Parque Moscoso, a baía de Vitória, a não ser a beleza física. Pouco movimentada e não possuía cais de atracação. Os navios que a movimentavam eram os “Itas” da Companhia Lage, o Lóide Brasileiro e a Comércio Navegação. Estrangeiro nenhum. Hoje é um deslumbramento.”

— Havia algum ponto que centralizava a vida vitorienne?

“Outrora a praça Oito era o centro geográfico. Expandiu-se por todos os lados cercada por belíssimos arra-

baldes. Camburi, à noite, é um mar de luzes, deslumbra e encanta.

Sinto existir uma prevenção contra o arranha-céu, mas se há no mundo lugar onde o meio físico o impõe esse lugar é Vitória, espremida entre o mar e a montanha.

Edgar Castro, dileto amigo, conhecedor de meio mundo, considera Vitória uma das mais belas cidades da terra.”

— Dr. Adelpho, vamos ao ponto que mais nos interessa. Qual sua opinião abalizada sobre nossa vida desportiva?

“Esportivamente estamos nos desenvolvendo, principalmente nos esportes náuticos, lutando, lutando de igual para igual com os demais Estados. No futebol também somos bons, o que nos falta é dinheiro. No vôlei e no basquete de primeira. É notável a tendência do capixaba para os esportes náuticos.

O “water polo” e o boxe tiveram seus dias de glória. Eu mesmo os pratiquei. O bronze que se ergue na velha praça da antiga Prefeitura é do boxeur nordestino João Santos.”

Esta minientrevista nos deixou encantados com a vitalidade de Adelpho Poli Monjardim, figura de proa de nossa sociedade, tanto na política, quanto nos setores cultural e desportivo de nossa capital.

**ESCRITOS DE VITÓRIA — Uma publicação da Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Vitória-ES.**

In: [www.morrodomoreno.com.br](http://www.morrodomoreno.com.br). Acesso em 13/05/2024.

**Adelpho Poli Monjardim**

Publicada em 18/04/2022 por Morro do Moreno

O escritor comumente pretende criar a forma perfeita de expressão, a palavra mágica capaz de lhe abrir as portas do universo da compreensão e a justificativa ética para os ideais motivadores de sua realização. O autor, disse Flaubert, em sua obra, deve ser como Deus no Universo: o onipresente e invisível.

ADELPHO POLI MONJARDIM, escritor, homem público, figura humana, descende de uma das mais nobres famílias do Estado, Barão de Monjardim, sendo considerado um dos intelectuais de maior cultura e relevo no Espírito Santo. Ele encarna exatamente aquelas virtudes de que falava Flaubert no contexto brilhante de sua obra.

Filho de Alpheu Adelpho de Almeida e Andrade Monjardim e Beatrice Poli Monjardim, nasceu Adelpho, no dia 16 de setembro de 1903, na Capital do Estado.

Alpheu Adelpho de Andrade e Almeida Monjardim teve a honra de ser titular do Império, foi político militante e grande proprietário de terras, herdadas dos seus antepassados. Foi inspetor da Alfândega do Espírito Santo, cargo em que se aposentou. Durante mais de meio século liderou a política capixaba. No Império foi muitas vezes Presidente da Província. No período republicano foi o primeiro Presidente Constitucional do Estado, em 1891. Seu último mandato político deu-se como Deputado Federal (1910-1913). Deixou para os filhos suas grandes qualidades e virtudes, além de um imenso acervo de experiências, sendo evidente o grande orgulho que o escritor ADELPHO POLI MONJARDIM sente do pai e de tudo que ele realizou. Na verdade, ele busca acrescentar, com sua obra, alguma coisa a mais no já imenso acervo histórico dos Monjardim.

Com sete anos de idade, ADELPHO, conhecido familiarmente por Bium, alfabetizou-se no Rio de Janeiro, matriculando-se em seguida no Ginásio Cruzeiro, do conhecido Cônego Osório. Em Vitória completou o secundário, no então Ginásio Espírito-Santense, atualmente

Colégio estadual. Por motivos de força maior deixou de formar-se em Direito como desejava.

O seu relacionamento com os pais foi sempre muito afetivo, embora pautados dentro de um regime austero e de costumes conservadores, uma vez que era seu pai muito rigoroso. Zelava com muito critério pela educação e formação moral da família. Carinhosa e amiga, sua mãe era para ele um anjo de bondade.

Para ADELPHO POLI MONJARDIM conservar a amizade dos amigos de infância e juventude é como um sacerdócio, pois considera que um amigo é como um irmão.

Quando criança, aos quatro anos de idade, seu sonho era voar, o que o tornaria como o herói da mitologia grega, Ícaro, um ser fora da realidade de sua época, uma vez que Santos Dumont ainda nem havia inventado o avião, o que aconteceria em 1906. Entretanto, alimentado o sonho do pequenino ADELPHO, seu pai lhe prometia trazer do Rio de Janeiro umas asas de condor. Embora não tenha conseguido concretizar seu sonho de voar, como escritor, ADELPHO voaria nas asas de sua fértil imaginação.

Sentados à beira da cama do pai, que lhe ouvia as histórias e relatos que lhe fazia das ocorrências do dia, libertava sua vocação para a literatura, levando Alpheu Monjardim a profetizar que o filho seria um escritor, ou um grande mentiroso.

A sua mocidade, “Bium” viveu-a numa época de grande transição. O progresso, como todos sabemos, é arma de dois gumes. As pessoas com as quais conviveu eram muito formais e ele as admirava com o respeito que a autoridade impõe. O Dr. Afonso Cláudio de Freitas Rosa causou-lhe sempre profunda impressão. Era um talento, uma cultura polimorfa. Gostava de dissertar sobre os jesuítas. Com sua voz macia e grave ADELPHO, ouvindo-o falar, comparava-o por sua bela estampa, ao Barão do Rio Branco.

Outra pessoa que causou profunda impressão a ADELPHO POLI MONJARDIM foi o Dr. Jonas Meira Bezerra Montenegro, seu professor no Ginásio Espírito-Santense. Temido e respeitado pelos alunos, todavia compreensivo e justiceiro, gostava de passar descrições aos alunos, descrições que seriam lidas na aula seguinte. Invariavelmente ele tomava zero, até que um dia seu irmão Manuel Monjardim, muito amigo do professor, quis saber a razão. A resposta foi simples: “porque sei que é você quem faz as descrições”. Rindo, respondeu-lhe o irmão de ADELPHO: “Fossem feitas por mim, sim, você poderia dar zero”. Na próxima aula, a pretexto de uma dor de cabeça, em vez de dar aula passou uma descrição para ser feita ali. E que descrição venenosa – a cobra – que ele fez rapidamente a tempo ainda de socorrer um colega fazendo também a sua. Ganhou, então, nove e o colega sete. Desde então, só ganhou dez.

O seu primeiro livro e a sua primeira experiência como Prefeito da Capital marcaram a vida de ADELPHO POLI MONJARDIM. No segundo caso pode conhecer e compreender a alma humana.

Muitas das suas lembranças, as suas recordações, tristes e alegres, são marcadas pelas perdas de entes queridos e pelo sucesso em sua vida literária.

O desabrochar do amor é o mesmo em todos os corações. ADELPHO tem em alta opinião o casamento. É o passo mais sério que um casal pode dar. A fidelidade em primeiro lugar; o respeito mútuo e a compreensão. A educação e futuro dos filhos a grande meta, o problema máximo, mormente nos dias de hoje. Ele costuma dizer, entretanto, que não devemos nos esquecer que casa de pais é escola de filhos.

Na oportunidade de enfrentar o mundo sozinho, o fez com coragem e decisão. Como César, o grande Imperador Romano, ele acredita que Veio, Viu e Venceu!

Dentre os grandes amigos que teve e alguns ainda

os tem, começa pelos irmãos. Alguns já ingressaram na eternidade, como Carlos Nicoletti Madeira e Antônio Feu Rosa. Os vivos evita citá-los para evitar as omissões involuntárias, sempre desagradáveis.

Sua vida profissional não se caracterizou por nenhum fato importante. Monótona para ele, obrigado a fazer aquilo que era a negação dos seus sentimentos, das suas inclinações naturais. Primeiramente foi funcionário de um banco inglês, o London And River Plate Ltd, avesso como é aos números, péssimo aluno que foi de matemática. Durante trinta anos exerceu o cargo de Tesoureiro da Prefeitura Municipal de Vitória. Evidentemente, não foram experiências felizes para o brilhante intelectual que ele é.

A vida no lar é feliz, continuando até hoje solteiro. Até o momento, derrotas propriamente não as teve; vitórias algumas. Para ADELPHO o que é mais importante é um bom nome, uma reputação ilibada. O seu maior objetivo PE ser um escritor. Óbvios são os motivos. A sua filosofia para vencer na vida é deixar que ela venha a nós.

Com respeito a ter ou não ter dinheiro, “Bium” diz que o vil metal nem sempre é importante para o êxito das pessoas. Dá status quando adquirido honestamente. Lutou muito para ter a sua estabilidade econômica, ele que, praticamente, nasceu rico. Na mocidade sofreu gravíssimos prejuízos, quando chegou a perder o seu patrimônio.

A compreensão e o amparo da família ajudaram-no a vencer na vida, Não tem predileção por comida ou por roupas e mesmo por carros. Gosta imensamente da casa onde reside. Jamais pensou ter carro. Até hoje não sofreu influência intelectual de ninguém. É a sua própria imaginação, o seu próprio estilo criador.

Uma mensagem que deixaria aos jovens: Sejam mais brasileiros!

Um fato que ADELPHO não consegue esquecer sucedeu em sua infância e do qual guarda profunda impres-

são: o aparecimento do cometa de Halley. Moravam os Monjardim na Casa Grande da Fazenda de Jucutuquara, hoje Museu Estadual. Seriam duas horas da madrugada quando sua mãe os despertou para verem uma coisa extraordinária. Dormiam no sótão. Ele abriu a janela que dá para leste e ele, de espanto, quase caiu de costas: uma enorme estrela, com imensa cauda, tomava quase toda a região do céu. A luminosidade era tão grande que ofuscava o brilho das estrelas e uma luz esverdeada iluminava a terra fantasmagoricamente. Jamais, em sua vida, viu coisa tão bela.

Naquele ano de 1910, era crença mundial que o mundo iria se acabar devido ao encontro do cometa com a Terra. De medo muita gente se suicidou. Aqui se deu um fato curioso, conta ADELPHO MONJARDIM. Certo indivíduo, temendo a catástrofe iminente, nas vésperas do dia fatal, fugiu para a Serra...

ADELPHO POLI MONJARDIM tem o seguintes livros publicados: O tesouro da Ilha da Trindade, Novelas Sombrias, Vitória Física, A Torre do Silêncio, Um Mergulho na Pré-História, Bolívar e Caxias, paralelo Entre Duas Vidas, O Exército Visto por um Civil, Sob o Céu de Ísis, O Imigrante, O Grande Almirante, além dos livros que vão entrar no prelo: A Entrevista de Guayaquil, O Ícaro-Brasileiro e o Espírito Santo na Lenda e no Folclore.

Detém sete prêmios literários, sendo cinco de âmbito nacional. Possui as seguintes condecorações: Medalha do Pacificador (Exército), Medalha do Mérito Tamandaré (Marinha), Estrela da Solidariedade Italiana (Governo da Itália), Crachá Amigo da Cidade de São Paulo (Concedido pela Prefeitura de São Paulo), Medalha de Ouro, oferecida pelo povo de Vitória, quando seu primeiro Prefeito eleito, Láurea Cívica Medalha André de Negreiros, Grau Grande Oficial, Medalha Regente Feijó, Medalha Legião do Mérito Presidente Antônio Carlos, Grande Oficial.

ADELPHO exerceu os seguintes cargos: Represen-

tante do Chefe de Polícia do Distrito federal, para o Espírito Santo, durante o Estado Novo; Vice-Presidente da Associação de Prefeitos das Capitais; Membro do Conselho de Cultura do Estado (ex); Corretor Oficial de Café; Tesoureiro Geral da PMV; Diretor da Receita da PMV; Diretor da Fazenda (idem); Diretor da Administração (idem); Prefeito Municipal por duas vezes, sendo o seu primeiro Prefeito eleito. Pertence às seguintes agremiações culturais: Academia Espírito-Santense de Letras; Academia de Letras Humberto de Campos; Academia Diocésia de Letras, de Natal; Academia de Letras do Rio de Janeiro (Membro Correspondente); Academia Santista de Letras; Membro do Instituto Histórico e Geográfico Cearense (Correspondente); foi deputado estadual; foi fundador da Associação Espírito-Santense de Imprensa, juntamente com Carlos Nicoletti Madeira e Dan Takimiroff.

ADELPHO POLI MONJARDIM é um símbolo de capacidade e de inteligência. Sua obra imortal estará sempre renascendo e chegará triunfal, temos certeza, aos dias gloriosos do futuro.

**Livro: Personalidades do Espírito Santo, 1980. Autora: Maria Nilce. Compilação: Walter de Aguiar Filho, março /2012. In: [www.morrodomoreno.com.br](http://www.morrodomoreno.com.br) . Acesso em 13/05/2024.**

| ÍNDICE                                |  | Pag. |
|---------------------------------------|--|------|
| PORQUE.....                           |  | 7    |
| VITÓRIA.....                          |  | 9    |
| BAÍA DO ESPÍRITO SANTO.....           |  | 15   |
| O CINTURÃO.....                       |  | 33   |
| OS BAIRROS.....                       |  | 37   |
| A PEDRA DA VIGIA.....                 |  | 41   |
| JUCUTUQUARA.....                      |  | 46   |
| ESTRADA DE CONTÔRNO.....              |  | 48   |
| O PICO FREI LEOPARDI.....             |  | 52   |
| UMA ESCALADA À PEDRA DO ORATÓRIO..... |  | 60   |
| CANAL DA PASSAGEM.....                |  | 65   |
| NAS PEGÁDAS DE HARTT.....             |  | 67   |
| A PEDRA DO DIABO.....                 |  | 71   |
| PRÊMIO CIDADE DE VITÓRIA.....         |  | 75   |

Sumário do livro “Vitória Física”. 1950.

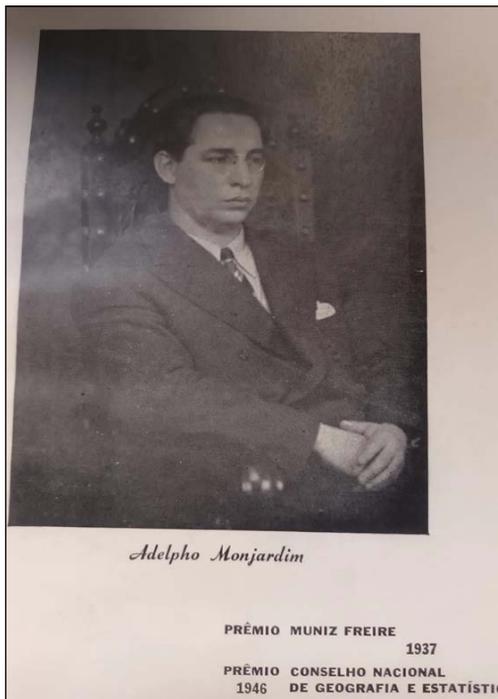
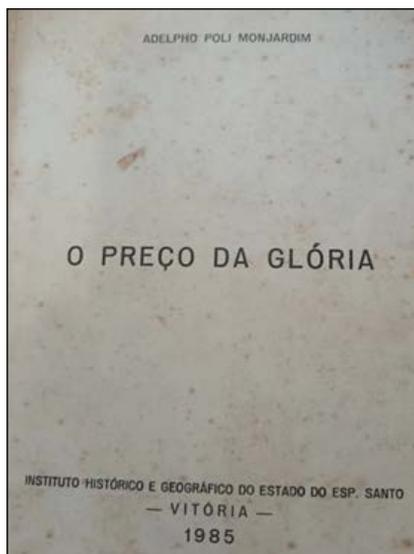


Foto do autor jovem, publicada no livro “Vitória Física”, em 1950.



*Capa do livro O Brasil no ano 2100.*



*Capa do livro O Preço da Glória. 1985.*



*Capa do livro Contos Fantásticos.*



*Posse de Adelpho Monjardim, 1º `direita, na AEL, em 1973. Sessão presidida por Ruy Côrtes.*



Diploma recebido por relevantes serviços prestados à imprensa. 1978.



Jornal A Gazeta de Vitória noticia morte de Adelphi Poli Monjardim.05/06/2003.

## LIVROS PUBLICADOS POR ADELPHO POLI MONJARDIM

1. O Tesouro da Ilha de Trindade. 1ed. Rio de Janeiro: A Noite. 1942. Novela.
2. A Torre do Silêncio. 1ed. Rio de Janeiro: A Noite. 1944. 154p. Contos.
3. Novelas Sombrias. 1 ed. Rio de Janeiro: A Noite. 1944. 240p. 1 Novela e 5 contos.
4. A Baía de Vitória. Ensaio.
5. Vitória Física (Geografia, História e Geologia). 1ed. Vitória: Canaan, 1950. 86p. Ensaio.
6. O Exército visto por um civil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1968. 272p. Diálogo.
7. Bolívar e Caxias. Paralelo entre duas vidas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1967. 650p. Ensaio.
8. Orações Acadêmicas. Cadeira 22. Vitória: AEL. 1973. Discurso.
9. O Grande Almirante. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil. 1976. 318p. Ensaio.
10. Sob o véu de Ísis. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno. 1978. 160p. Contos.
11. Um mergulho na pré-história. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno. 1978. 394p. Romance.
12. Os imigrantes. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno. 1980. 218p. Romance.
13. O Militarismo na América Latina. 1980. Reeditado pelo IHGES em 2008. Ensaio.
14. O Espírito Santo na História, na Lenda e no Folclore. 1ed. Petrópolis: Vozes. 1983. Lendas.
15. O Saldanha do meu tempo. Vitória: Canaan. 1984. 64p. Crônicas memorialísticas.
16. O Ícaro Brasileiro. Santos Dumont. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1985. Ensaio.

17. **O Brasil no ano 2100.** Rio de Janeiro: Letras e Artes. 1988. 86p. Diálogo.
18. **O Preço da Glória.** Vitória: IHGES. 1985. 100p. Ensaio.
19. **Contos Fantásticos.** Rio de Janeiro: Letras e Artes. 1990. 218p. Contos.
20. **A entrevista de Guayaquil.** Rio de Janeiro: Letras e Artes. 1991. 122p. Ensaio.
21. **A Entrevista de Simon Bolívar e San Martin.** Ensaio. s/d.
22. **O Pico do Frei Leopardi.** Ensaio. s/d.

#### **OBRAS DE REFERÊNCIA SOBRE AMÉRICO POLI MONJARDIM**

1. **A Gazeta.** Adelpho Monjardim. Tudo o que Vitória tem de moderno foi feito por mim. Entrevista a Graciano Dantas. 10/07/1988.
1. **CARVALHO, José A. de.** Panorama das Letras Capixabas. *Revista de Cultura.* Ufes. Ano VII. Nº 22. 1982.
2. **MONJARDIM, Leonardo.** *História Política da Família Monjardim.* Vitória: PMV/Lei Rubem Braga. 2003.
3. **RAMIRES, A. Isaías.** *Adelpho Poli Monjardim.* Vitória: A Gazeta. 10/10/1985.



OBRA IMPRESSA NA GRÁFICA GSA PARA A  
ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS  
EM 2025

# Coleção *Roberto Almada*

1. *De folhas versadas. Roberto Almada: vida e obra.*
2. *Inquilino da rua da imaginação. Fernando Tatagiba: vida e obra.*
3. *Júbilo e Agonia. Amylton de Almeida: vida e obra.*
4. *A árvore das palavras. Adilson Vilaça: vida e obra.*
5. *Metáforas e hieróglifos. Bernadette Lyra: vida e obra.*
6. *Navegador do imaginário. Luiz Guilherme S. Neves: vida e obra.*
7. *Dédalo no centro do labirinto. Miguel Marvila: vida e obra.*
8. *Múltiplas escrituras. Reinaldo S. Neves: vida e obra.*
9. *Nomes para viagem. Renato Pacheco: vida e obra.*
10. *Porque e por quê. Sérgio Blank: vida e obra.*
11. *Lira dos sete dedos. Valdo Motta: vida e obra.*
12. *Alma de flor. Mara Antonieta Tatagiba: vida e obra.*
13. *A voz do coração. Virginia Tamanini: vida e obra.*
14. *Ainda resta uma esperança. Haydée Nicolussi: vida e obra.*
15. *Suave Pantera. Marly de Oliveira: vida e obra.*
16. *Última Oferenda. Achilles Vivacqua: vida e obra.*
17. *O Pavão Multifacetado. José Carlos Oliveira: vida e obra.*
18. *A Embaixadora das Artes. Lídia Besouchet: vida e obra.*
19. *Poeta, cachoeirense. Newton Braga: vida e obra.*
20. *Faces Poéticas. Geir Campos: vida e obra.*
21. *Carmélia, por Carmélia. Carmélia M. de Souza: vida e obra.*
22. *O Solitário de Itapemirim. Narciso Araújo: vida e obra.*
23. *O Poeta da Crônica. Rubem Braga: vida e obra.*
24. *Chrysallida. Guilly Furtado Bandeira: vida e obra.*
25. *Lírico e Humanista. Alvino Gatti: vida e obra.*
26. *Método Confuso. Mendes Fradique: vida e obra.*
27. *O Poeta da Cidade. Elmo Elton: vida e obra.*
28. *Manhosa Escrita. Miguel Depes Tallon: vida e obra.*
29. *Olhar Marginal: Lacy Ribeiro: vida e obra.*
30. *Um capixaba entremundos. Newton Freitas: vida e obra.*
31. *Roberto Mazzini e outros navegantes. Ivan Borgo: vida e obra.*
32. *O Pestalozzi Capixaba. Amâncio Pereira: vida e obra.*
33. *Pioneiro das Letras Capixabas. Saul de Navarro: vida e obra.*
34. *Prisioneira da liberdade. Jeanne Bilich: vida e obra.*
35. *Intelectual Orgânico. Ciro Vieira da Cunha: vida e obra.*
36. *O Memorialista Capixaba. Padre-mestre Francisco Antunes de Siqueira.*
37. *O Aristocrata das Letras. Adelpho Poli Monjardim: vida e obra.*